



NOTRE DAME

Ano 13
Edição nº 30
Agosto/2021

ENFOQUE

NOTRE DAME

ENSINO HÍBRIDO

Integra espaços, tempos e metodologias para melhores experiências de aprendizagem

ANDERSON DARONCO

História de um dos árbitros de futebol mais importantes do Brasil e ex-aluno ND

MINDSET

Como o padrão mental que adotamos influencia nossa vida

ESPIRITUALIDADE

Reflexões sobre Santa Júlia e a Bíblia

SUMÁRIO

EDITORIAL - Juntos inovamos com propósito na nossa missão de educar	3
ENTREVISTA - O impacto do <i>mindset</i> em nossas vidas	4
ARTIGO GESTÃO EDUCACIONAL – O Ensino Médio na Rede Notre Dame	8
ARTIGO ATUALIDADES EDUCACIONAIS – Educação Digital	10
ARTIGO ESCOLA E FAMÍLIA - Superação de desafios e muitos aprendizados	12
ENFOQUE - Educação híbrida - uma transformação progressiva e irreversível	14
PÁGINA DO EX-ALUNO - Anderson Daronco - do Santa Catarina para os campos do mundo	18
JPIC – Pandemia e o cuidado com a criação	20
SERVIÇO DE ANIMAÇÃO VOCACIONAL - Despertar para Deus	21
ESPIRITUALIDADE ND – Santa Júlia e a Bíblia	22
PARTILHA DE BOAS PRÁTICAS – Projetos das Escolas ND voltados para o Ensino Híbrido	24
BIOGRAFIAS	
Irmã Therezinha Quatrin	32
Colaboradora Juliana da Rosa	33
PROPOSTA PEDAGÓGICA NOTRE DAME – O Núcleo de Pedagogia ND	34
PÁGINA DO ALUNO – Oportunidade de aprendizado através do estágio	35

ESCOLAS NOTRE DAME

- Colégio Maria Auxiliadora - Canoas/RS
- Colégio Santa Teresinha - Taquara/RS
- Escola Madre Júlia - São Sepé/RS
- Escola Maria Rainha - Júlio de Castilhos/RS
- Escola N. S. Estrela do Mar - São Lourenço do Sul/RS
- Escola Sagrada Família - Rolante/RS
- Escola Sagrado Coração de Jesus - Pedro Osório/RS
- Escola Santa Catarina - Santa Maria/RS

EXPEDIENTE

Superiora Provincial: Ir. Vania Maria Dalla Vecchia

Coordenação: Vagner Paulo Maccalli

Diagramação: Michael Zeppenfeld de Carvalho

Os artigos enviados são de responsabilidade dos respectivos autores

Foto da capa: Antonio Scheffel Filho

Produção: Tamires Hoff

Revisão: Claudia Rosana de Souza



 nd.org.br  51 3462.8600
 /redenotredame  @redenotredame
 Av. Guilherme Schell, 5888 - Canoas - RS

Juntos inovamos com propósito, na nossa missão de educar

Encerramos o primeiro semestre de 2021. Passado mais de um ano de pandemia, vivenciamos o ensino remoto e, mais recentemente, iniciamos o modelo híbrido na Rede Notre Dame. Depois de um período de insegurança, de abre e fecha das escolas em todo o País, podemos planejar as atividades escolares dentro desta nova realidade.

Em um momento difícil, aproveitamos a oportunidade de nos desenvolver, trazida por esse contexto que acelerou muitos processos relacionados ao aprendizado mediado pela tecnologia. A Educação Híbrida é um deles, que combina e integra atividades didáticas em sala de aula com outras em espaços digitais. Esse é o tema da reportagem de capa desta edição. Entrevistamos o palestrante de metodologias ativas, modelos híbridos e tendências na educação, José Moran, além de outros especialistas no assunto, para esclarecer quais são os caminhos desse modelo. Nas páginas Partilha de Boas Práticas, as Escolas ND também apresentam alguns exemplos de atividades realizadas dentro do ensino híbrido.

Para implementar importantes mudanças como essa, muitas vezes, é preciso haver uma mudança de *mindset*. Essa palavra de origem inglesa é bastante usada atualmente para fazer referência à mentalidade ou modelos mentais. Na página Entrevista, conversamos com a psicóloga, mestre em Gestão de Negócios e professora de pós-graduação na Universidade La Salle, Andréia Bonato, e com a empresária Mariana Serra sobre como o *mindset* influencia a vida das pessoas.

Outras mudanças significativas, as trazidas pelo Novo Ensino Médio, são abordadas em artigo da página Gestão Educacional. Já em Atualidades Educacionais, você vai poder entender o que significa o

termo *onlife* e a relação com a educação digital.

No segundo ano letivo de pandemia, algumas famílias da Rede Notre Dame avaliaram os avanços que perceberam no ensino em 2021 e como a relação com as escolas foi fortalecida.

Considerando um dos melhores árbitros brasileiros de futebol credenciados pela Fifa, Anderson Daronco tem no currículo importantes competições, nacionais e internacionais. Ex-aluno da Escola Santa Catarina, ele relembra, em uma entrevista exclusiva, os tempos de escola e fala sobre a carreira.

A Revista Enfoque ND ainda traz mais histórias nas páginas Biografia, uma reflexão sobre Santa Júlia e a Bíblia, em Espiritualidade, entre muitos outros conteúdos que preparamos para você.

Boa leitura!



Ir. Vania Maria Dalla Vecchia

Superiora Provincial

Província Nossa Senhora Aparecida

O impacto do *mindset* em nossas vidas

Tamires Hoff

Mindset, uma palavra de origem inglesa bastante usada atualmente para fazer referência à mentalidade ou a modelos mentais. O padrão que adotamos é capaz de influenciar nossa carreira e vida pessoal. Em momentos de incertezas ou dificuldades, pode interferir na forma como a adversidade é encarada. O *mindset* é dividido em duas categorias: fixo ou de crescimento. A psicóloga, mestre em Gestão de Negócios e professora de pós-graduação na Universidade La Salle, Andréia Bonato, explica o que eles significam:

“O *mindset* fixo é o padrão mental que nos coloca numa posição limitante perante à vida, pois é recheado de crenças que permeiam a ideia de que nascemos assim, somos assim. Quase uma ‘síndrome de Gabriela: eu nasci assim, eu cresci assim...’”

Já o *mindset* de crescimento amplia a crença sobre as qualidades individuais e as vê como pontos de partida em que o céu é o limite! Ou seja, somos potencialmente capazes de ir além, reconhecendo que nossas habilidades de base são pontos de partida e não a estrada completa. O esforço e a determinação em atingir objetivos são pontos fundamentais neste tipo de *mindset*”, sintetiza a professora.

A mudança sempre é possível, de acordo com a psicóloga. Para ela, o *mindset* de crescimento pode ser desenvolvido e, entre as maneiras de seu desenvolvimento, cita a busca por inspiração em pessoas que têm sucesso e que, notadamente, também têm *mindset* de crescimento, além de ressaltar que há até exercícios diários e apoio de coachings e psicólogos.

Mindset para mudar

Em um mundo que passa por transformações constantes, nunca foi tão importante aprender a lidar com as mudanças. Para a empresária, com formação em Relações Internacionais, Mariana Serra, a insatisfação com a função que exercia e a falta de propósito motivaram a empreender. O desafio, além da insegurança de deixar um cargo executivo em uma importante multinacional, era de iniciar um negócio em um segmento ainda inexistente no Brasil.

Após viajar aos Estados Unidos, em uma atividade para o MBA que cursava, Mariana participou de uma jornada com o empresário americano Warren Buffet. Lá, ela conta ter conhecido o conceito que une férias e trabalho voluntário. “Tive, na viagem, este

FOTO: Arquivo Pessoal



despertar de empreender no social. Percebi que uma empresa pode ter lucro e gerar impacto social”, revela Mariana, que aos 27 anos partiu para uma importante mudança, mesmo diante dos riscos. “Empreendedor que fala que não pensa em desistir está mentindo. Pensei muitas vezes. Pensava: por que fui me meter nessa? Isso é normal, mas ser resiliente é muito importante, porque empreender é muito difícil.”

Com a VV (Volunteers Vacation), que completa sete anos no mercado, a proposta é tirar as pessoas da sua zona de conforto, ajudando algum projeto social ou comunidade carente, enquanto conhece um novo lugar e cultura, durante as férias. “Você se transforma a partir de uma experiência social desse tipo. A VV mostra que é possível ser um agente social, com o poder de trabalhar e ajudar o próximo e que todos podem fazer algo”, sustenta a empresária, explicando que não há limite de idade para participar.

“Dependendo do tipo de *mindset* que a pessoa tem, ela pode voar ou ficar presa no chão. A crença no potencial tanto quanto a crença na incapacidade são igualmente poderosas.”

Dica de leitura

A leitura é uma das importantes formas de aprendizado e que pode ajudar no desenvolvimento do modelo mental. Um best-seller que aborda essas questões é “*Mindset – A Nova Psicologia do Sucesso*”, da escritora Carol S. Dweck. A professora de psicologia na Universidade Stanford e especialista internacional em sucesso e motivação ao longo de décadas desenvolveu pesquisas sobre a atitude mental com que encaramos a vida.

Para Carol, o *mindset* não é um mero traço de personalidade, é a explicação de porque somos otimistas ou pessimistas, bem-sucedidos ou não. Conforme a escritora, este padrão também define a nossa relação com o trabalho e com as pessoas, um fator decisivo para que todo o nosso potencial seja explorado.

Entrevista

Revista Enfoque - Como a pessoa pode descobrir qual seu tipo de *mindset*?

Andréia Bonato - Existem testes que podem ser feitos para descobrir tendências do *mindset*, mas só realizar um teste não basta, pois temos que saber o que fazer com os resultados. Sessões de Coaching ou Psicoterapia, principalmente as focadas na linha Cognitivo Comportamental, ajudam a ‘destravar’ os nós cegos de um *mindset* fixo e transformá-lo em *mindset* de crescimento. Ou potencializar o *mindset* de crescimento, que também é importante.

Uma outra forma é o que chamamos de Psico-educação, ou seja, ler a respeito do assunto. Um dos melhores livros sobre *mindset* se chama – MINDSET – A Nova Psicologia do Sucesso, de Carol S. Dweck. A leitura por si só já vai abrindo espaço para reflexões do leitor, e essa é uma poderosa ferramenta para ajudar no caminho da mudança. É super importante que nós busquemos aprender em fontes científicas e consagradas. É seguro e mais produtivo.

Enfoque - Qual é o impacto do *mindset* na vida profissional?

Andréia - Dependendo do tipo de *mindset* que a pessoa tem, ela pode voar ou ficar presa no chão. A crença no potencial tanto quanto a crença na incapacidade são igualmente poderosas. Isso tem um impacto gigante em todas as esferas da vida. Na esfera profissional é onde percebemos os maiores prejuízos, ou os maiores avanços, afinal parte de nossa identidade se dá em virtude do trabalho. Por vezes, pessoas perdem oportunidades fantásticas no trabalho, pois se ‘sabotam’ quando consideram que não são boas o suficiente.

Enfoque - Em relação à vida pessoal, como o *mindset* pode influenciar?

Andréia - As relações interpessoais são diretamente afetadas pelo *mindset*. Eu me relaciono com pessoas que sustentam a imagem que tenho de mim mesma? Posso escolher (inconscientemente) me relacionar com quem reforça quem sou e é isso. Ou me



FOTO: Arquivo Pessoal

“A medida do sucesso deveria ser o quanto de bem-estar e felicidade eu tenho em minha vida. Devemos ressignificar essa palavra.”

relaciono com quem potencializa minhas qualidades e me provoca a alçar voos cada vez mais distantes? Invejo quem tem sucesso? Ou uso essas pessoas como referência e inspiração para me ajudar na caminhada para a minha felicidade e o meu sucesso?

Enfoque - De que maneira as empresas podem ajudar em relação ao *mindset* dos colaboradores?

Andréia - Líderes têm a responsabilidade de desenvolver as pessoas de seu time. É uma condição do exercício da liderança, mas, infelizmente, nem todos pensam e agem assim. Preocupam-se única e exclusivamente com resultados, esquecendo que, para atingi-los, precisam de pessoas. A via de auxiliar colaboradores das organizações a terem potencializadas suas habilidades é através da relação com os líderes. São eles que podem estimular, pontuar (através de *feedbacks*), inspirar e orientar membros de seus times no que diz respeito ao desenvolvimento de um *mindset* de crescimento. E, para que líderes façam esse movimento,

o apoio das áreas de RH é fundamental. Capacitar gestores e gestoras a trabalhar com questões comportamentais das pessoas de seus times é essencial para que esses líderes saibam melhor como agir. A cultura organizacional também pesa, pois há empre-

sas que, por si só, já esboçam traços de *mindset* fixo, ou seja, pouco espaço para mudanças, inovação, diversidade... daí fica difícil desenvolver *mindset* de crescimento num ambiente que por si só é resistente a mudanças.

Enfoque - Como funciona a psicologia do sucesso?

Andréia - Primeiro, o que é sucesso, né? A medida do sucesso deveria ser o quanto de bem-estar e felicidade eu tenho em minha vida. Devemos ressignificar essa palavra, nos relacionarmos com ela de uma forma mais ampla e com longo prazo. O *mindset* de crescimento permite que eu tenha uma lente mais ampla sobre o conceito de sucesso. Me permite

“A mudança é sempre possível. O primeiro passo é reconhecer que há limitações que estão impedindo o crescimento pessoal e/ou profissional.”

“A via de auxiliar colaboradores das organizações a terem potencializadas suas habilidades é através da relação com os líderes.”

viver mais conectado comigo e menos me importando ou me comparando com os outros. E isso por si só já gera mais felicidade. A lente para olhar o mundo é a que diz que tenho desafios e não problemas; que posso alcançar o que desejo se for determinada e focada; que meu esforço é uma trilha que me levará à excelência e não à exaustão; que posso aprender sempre, pois minha mente é aberta e receptiva e, com isso, me torno cada vez mais inteligente; e que feedbacks não me destroem, pelo contrário, me ajudam a me construir como uma pessoa muito melhor, para mim e para os outros.

Enfoque - É possível uma pessoa possuir um *mindset* fixo e mudar para o de crescimento? Como?

Andréia - Sim, é possível. A mudança é sempre possível. O primeiro passo é reconhecer que há limitações que estão impedindo o crescimento pessoal e/ou profissional, e que essas limitações são internas, fruto de uma forma de pensar a respeito de si próprio, que molda justamente os comportamentos (*mindset* fixo).

“A partir do momento em que vou reconhecendo que determinadas crenças reforçam comportamentos que não me ajudam ‘a crescer’, posso passar a mudar estes comportamentos...”

Processos de Coaching e, em alguns casos, Psicoterapia, ajudam bastante. Temos que encarar os processos terapêuticos como fontes seguras de auxílio nas nossas mudanças de comportamento, pois nem sempre conseguimos fazer este caminho sozinhos. O apoio profissional é fundamental.

A partir do momento em que vou reconhecendo que determinadas crenças reforçam comporta-

mentos que não me ajudam ‘a crescer’, posso passar a mudar estes comportamentos, mesmo que as crenças sigam me bombardeando, para agir no sentido contrário. Mas, como disse, é fundamental ter acompanhamento neste caminho para garantir que os passos estão na medida do que é necessário para a mudança.

FOTO: Arquivo pessoal



O Ensino Médio na Rede NOTRE DAME

Cláudia Lima Gonçalves, Coordenadora de Tecnologias da Educação

O Ensino Médio é a última etapa da Educação Básica e tem, dentre outros objetivos, preparar o jovem para o mundo do trabalho e a continuidade da vida acadêmica. Um dos grandes desafios desta etapa, de acordo com a BNCC do EM, além de garantir as aprendizagens consolidadas ao longo da Educação Básica, é responder às aspirações presentes e futuras do jovem (BNCC, p 461).

Na concepção Notre Dame de Educação, orienta-se que o ensino acentue o lado prático, sob o forte fundamento da fé, a fim de preparar os educandos para a vida. Um legado que é herdado da experiência de Júlia Billiart, das primeiras Irmãs de Coesfeld e de Bernard Overberg (Proposta Notre Dame de Educação, p. 12 e 13). Esta educação integral traduz-se, hoje, através do desenvolvimento de competências, habilidades e valores.

Os currículos educacionais trazem presentes a tecnologia como um recurso que favorece a aprendizagem. Percebemos constantes questionamentos de quando e como a educação se faz presente e de que forma prepara o jovem. A juventude, por sua vez, traz consigo muitos porquês, e por isso precisamos nos questionar:

- Que concepção o jovem tem de Ensino Médio?
- Como o jovem se percebe enquanto estudante?
- Que experiências o jovem traz consigo para elaborar seu projeto de vida?
- Quais as expectativas que o jovem tem ao concluir esta etapa de ensino?

Na concepção Notre Dame de Educação, orienta-se que o ensino acentue o lado prático, sob o forte fundamento da fé, a fim de preparar os educandos para a vida.

...entendemos a importância de relacionar a teoria com a prática, através da compreensão de fundamentos científicos e tecnológicos, bem como o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

A nova proposta de Ensino Médio divide este nível de ensino em duas proposições: Formação Geral Básica (FGB) e Itinerários Formativos (IF), com carga horária específica para cada proposta. Responder aos anseios dos jovens no que diz respeito à formação acadêmica, ao mercado de trabalho e à construção de seu projeto de vida é o objetivo do Novo Ensino Médio

Na FGB, uma das principais finalidades é a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos do Ensino Fundamental, garantindo as aprendizagens essenciais de acordo com as áreas do conhecimento. A Rede ND apresenta na FGB este aprofundamento da BNCC, através do fortalecimento dos componentes curriculares com a atribuição de sentido aos conceitos significativos. Para cada competência, são descritas habilidades que consolidam, aprofundam e ampliam a formação integral do aluno.

No que diz respeito aos Itinerários Formativos (IFs) entendemos a importância de relacionar a teoria com a prática, através da compreensão de fundamentos científicos e tecnológicos, bem como o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Por isso temos a proposição de aprofundar os conhecimentos acadêmicos através de trilhas e unidades temáticas que englobam a cientificidade, a competência leitora e a preparação para provas externas.

A preparação para a cidadania e o trabalho se dá através da orientação do educando através do Itinerário “Projeto de Vida e Valores”. Para a Rede ND é importante que o aluno reflita sobre os caminhos que o levam a construção de seu projeto de vida, através

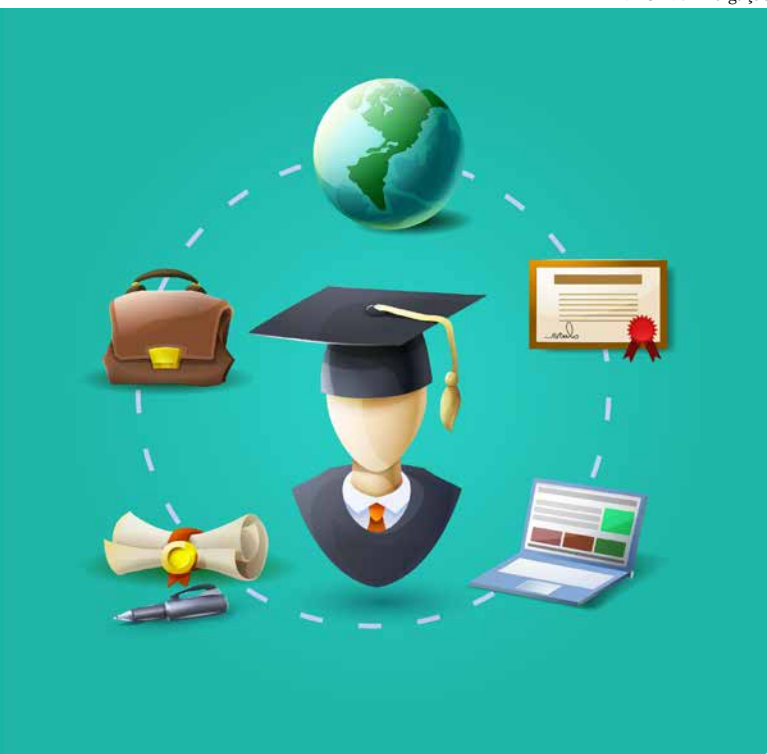
A preparação para a cidadania e o trabalho se dá através da orientação do educando através do Itinerário “Projeto de Vida e Valores”.

do autoconhecimento e conhecimento do outro, do mundo e das profissões. A Proposta de Educação ND vê o educando como centro do processo formativo. Em seu desenvolvimento respeitam-se características, especificidades e interesses de cada etapa evolutiva, trabalhando os valores de forma que o aluno seja capaz de chegar a formação integral com a dignidade de um cristão amadurecido.

Para a Rede ND é importante que o aluno reflita sobre os caminhos que o levam a construção de seu projeto de vida.

Temáticas relevantes que englobam a tecnologia, o design, o letramento espaço temporal, a inovação, o protagonismo juvenil, o bem estar físico, mental e social, compõe os itinerários formativos específicos. Os eixos estruturantes propostos de empreendedorismo, processos criativos, investigação científica e mediação e intervenção socio-cultural tem por objetivo envolver os alunos em aprendizagens significativas que permitam produzir, criar, intervir e empreender projetos presentes

IMAGEM: Divulgação



e futuros que colaborem com a sociedade em que estão inseridos.

Assim como diz a música

**“Eu vejo um novo começo de era
de gente fina, elegante e sincera
com habilidades pra dizer mais sim que não.”**

Devemos nos perguntar: “Onde está o nosso **SIM**?”

- Em estar constantemente aberto ao novo?
- Em tornar o Ensino Médio significativo de forma que não seja apenas uma página em branco na aprendizagem dos nossos jovens?
- O sim aos assuntos trabalhados sem deixar de lado habilidades socioemocionais e a preparação para um mundo de trabalho repleto de possibilidades e desafios?
- Na resignificação desses conteúdos com o objetivo de trazer o aluno para o centro da aprendizagem, pensando nas competências que queremos formar?

Seguindo a música, podemos pensar que se

**“hoje o tempo voa...
e escorre pelas mãos
mesmo sem se sentir
que não há tempo que volte...”**

Continuemos “nos permitindo” ser referência, norte e exemplo aos nossos jovens que vivem tudo tão intensamente, inclusive estes tempos modernos.

O pensamento de Santa Júlia, na carta 9 de 1795: “Permanecemos firmes, por mais forte que seja o vento que sopra. O bom Deus nos dá a graça de tirarmos proveito de qualquer situação, se não perdermos tempo em olhar de que lado vêm as rajadas de vento”.

REFERÊNCIAS:

BNCC DO EM.

_____. Proposta de Educação Notre Dame, Província Nossa Senhora Aparecida. Canoas/RS, 2016.

Educação Digital: a era *onlife*, remota e e-learning

Prof^a Dra. Katia Ethienne Esteves dos Santos, articulista da Revista do Programa Escola Segura, Pós doutora em Educação Digital, consultora educacional da KMK Consultoria, Treinamento, coordenadora EAD da PUCPR e pesquisadora do PRAPETEC.

Que momento de inovação na educação, não é?... Está engajado(a)?

Sabemos que a cada ano cresce a era da inversão da escassez de informações para a abundância. Com toda a força em 2021, essa realidade exige de cada um de nós o senso crítico, o conhecimento e a busca pela ciência e pela humanização.

A Educação Digital, como estamos observando, está cada vez mais presente em nosso cotidiano, como comentamos na revista do mês passado. O conceito nomeado de *onlife* é muito relevante para a educação. Os pesquisadores europeus, desde 2015, na equipe do filósofo italiano Luciano Floridi, construíram um documento denominado “O Manifesto Onlife - Ser humano em uma era hiperconectada”¹. É muito interessante, não acha?



Nesse documento, há uma proposta de investigação dos desafios resultantes da inserção das tecnologias em diferentes ambientes da vida humana, deixando-a cada vez mais hiperconectada e com uso constante por todos, o que modifica as ações e as relações humanas com o próprio indivíduo, com o contexto e com o mundo.

Os pesquisadores trazem reflexões que fazem todo sentido, mesmo tendo sido escritas em 2015, pois cada vez mais não existe distinção entre realidade e virtualidade, o que nos leva a um patamar no qual não há mais distinção entre humano, máquina e natureza.

O termo *onlife* reflete um novo paradigma das experiências humanas que transcende o conceito de vida on-line e off-line, que reflete a não separação entre estar conectado e desconectado e altera o mundo em que estamos inseridos, invadindo a educação, de forma significativa.

Como a discrepância econômica e social é muito grande no Brasil, acreditamos que nossos estudantes estão envolvidos em diferentes níveis neste universo *onlife*, o que nos desperta para as possibilidades que as escolas têm de oferecer. Neste momento em que vivemos, temos uma grande oportunidade de construção de um País mais igual e capaz de enfrentar crises que nos desafiam de tempos em tempos.

Ao estarmos a bordo desta revolução tecnológica que transforma a maneira como vivemos, como trabalhamos e como nos relacionamos, colocando-nos como agentes de mudança em todos os ambientes, principalmente nas escolas, ambiente no qual a reflexão precisa estar presente, as ações inovadoras tornam-se necessárias.

Sabemos que a maior parte das instituições de ensino criou estratégias didático-pedagógico-tecnológicas para vencer os desafios de 2020, contudo as propostas de ensino remoto, embora possuam elementos que se assemelham às características da Educação a Distância (EAD), são constituídas de alguns elementos relevantes diferentes.

O ensino remoto configura-se como uma modalidade de ensino, ou aula, que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes. Ela vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino,

¹ The Onlife Manifesto - Being Human in a Hyperconnected Era.

por instituições educacionais no mundo todo.

A EAD, em sua definição mais comum, resume-se pela modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação.

Apesar de a definição de ensino remoto não incluir tecnologias, na maior parte das propostas elas foram inseridas em uma configuração ampla, com o uso de plataformas virtuais, ambientes de webconferência, aplicativos diversos, ou simplesmente com uma comunicação realizada por celular, via WhatsApp, para transmitir aulas, ou mesmo para avisar aos pais que buscassem as atividades impressas dos seus filhos na escola.

Como foi na sua escola? Tenho certeza de que aprendeu e vem aprendendo muito nestes meses, não é?

Para as propostas de cursos EAD existem equipes multidisciplinares que criam metodologias de ensino e materiais digitais específicos para esta modalidade, as aulas podem ser gravadas ou mesmo ao vivo, mas os estudantes têm uma certa flexibilidade de estudo e não existe a cobrança, geralmente, da presença síncrona.

Para as aulas remotas, os professores precisaram reinventar sua forma de planejar aulas, utilizar intervenções pedagógicas e lidar com a tecnologia digital para a qual nem todos estavam preparados, mas foram desafiados a aprender a aprender.

Basicamente, a diferença do ensino remoto pode estar relacionada a cada uma das instituições: na oferta das aulas ao vivo, por videoconferência, nos dias e horários habituais, com o auxílio de ferramentas tecnológicas e que exijam a presença dos estudantes.

Em muitos casos, essa proposta remota está sendo bem sucedida, quando educadores, gestores e estudantes interagem, compartilham, experimentam, desafiam seus conhecimentos e aprimoram os já existentes.

Podemos refletir que, em alguns casos de ensino remoto, as instituições públicas e privadas disponibilizam algumas equipes e recursos tecnológicos de suporte para

gravação de aula, edição e transmissão, sabe-se, porém, que a estruturação metodológica desenvolvida com tranquilidade e significado, nos primeiros meses, foi quase impossível, tornando-se, aos poucos, mais assertiva.

Hoje, depois de um ano dessas experiências remotas, pode-se perceber que muitas escolas e instituições de ensino já estão mais estruturadas, propondo projetos mais significativos, a fim de que haja maior engajamento dos estudantes e para que a aprendizagem ocorra.

No ar, paira uma sensação muito melhor... Sim eles(as) estão aprendendo, você sente?

Como pesquisadora, acredito muito que este tempo diferenciado está permitindo o desenvolvimento de competências fundamentais para o século XXI, o que nos traz a possibilidade de e-Learning (e=electronic; learning= aprendizagem) mais efetivo, ou seja, o uso da tecnologia para gerir, desenhar, distribuir, selecionar, transacionar, acompanhar, apoiar e expandir a aprendizagem.

Acredito que cada vez mais esta modalidade tornar-se-á presente no dia a dia das escolas, por meio de projetos criados, com intencionalidade, para os ambientes virtuais de aprendizagem. Haverá cada vez mais a inserção de realidade virtual e aumentada, com possibilidades imersivas, com o uso de inteligência artificial, design acessível, personalização e análise de dados, podendo, assim, atender a esta geração já imbuída de suas vivências *online*.

A grande discussão é como utilizar os ambientes virtuais, garantindo a aprendizagem e ao mesmo tempo oferecendo experiências de compartilhamento, interação e ação-reflexão-ação, uma vez que o espaço físico da escola sempre foi este lugar privilegiado para o desenvolvimento das competências socioemocionais. No entanto, podemos dizer que isso é possível, sim, com propostas efetivas de educação híbrida.

Fonte: Revista Programa Escola Segura, Edição 3, p.10-13, mar/abr, 2021.



Superação de desafios e muitos aprendizados

Tamires Hoff

Depois de um 2020 de muitos desafios impostos pela Covid-19, foi preciso adaptação. Em 2021, as atividades ainda são planejadas dentro do contexto da pandemia, mas Escola, alunos e famílias estão mais preparados para essa nova realidade e mais familiarizados ao ensino com mediação da tecnologia. Alguns resultados provocados por essas mudanças já podem ser percebidos nos estudantes. Pais de alunos da Rede ND apontam a seguir os avanços observados nos filhos e avaliam o fortalecimento da união com as escolas.



Camila Vargas, mãe da Amanda Lopes Vargas, aluna da Escola Santa Catarina

“Em 2021, temos a sensação de que o ano letivo já começou fluindo com naturalidade. Sentimos confiança nos métodos adotados pelos professores e que a nova rotina de aulas tem sido fundamental para que ela tenha contato com outras crianças, mesmo que virtualmente.”



Lenise Londero da Silva Leandro, mãe da Maria Eduarda e João Pedro Londero Leandro, alunos da Escola Madre Júlia

“São muitos os aprendizados. Para as crianças, o uso da tecnologia, o comprometimento com as atividades e a participação nas aulas. Aos pais, permitiu acompanhar o processo e ver as conquistas da criança. O que eu achei muito bom, pois vi meu filho ler pela primeira vez.”



“Sabemos que durante as aulas presenciais ou on-line nossa participação no aprendizado é imprescindível, e somos agradecidos pela possibilidade de proporcionar à nossa filha a oportunidade de ter um ensino de qualidade.”

Carlos Antonio Ferreyra e Viviane Martins Schmitz, pais da Dasha Schmitz Ferreyra, aluna da Escola Maria Rainha



“Na escola, existe, sim, a preocupação com os saberes pedagógicos, mas vai muito além disso. A escola atua fortemente na construção de valores significativos, que farão diferença na vida dos nossos filhos, através dos vínculos com os alunos e as famílias.”

Carolina Lopes Mancilha, mãe do Artur e da Alice Lopes Mancilha, alunos do Colégio Maria Auxiliadora



Marcio e Karlene Dalathea, pais Murilo e Arthur Dalathea, alunos do Colégio Santa Teresinha

“Nós, pais, estamos aprendendo muito com eles, em tudo, e eles conosco, por verem nosso trabalho mais de perto. Eles se adaptaram muito bem em casa e adoram o ensino remoto, só sentem falta do contato físico com professores e colegas.”



FOTOS: Divulgação

“Um dos aprendizados deste modelo de ensino para os alunos é a disciplina, para a adoção de uma postura diferente no momento das aulas, num esforço de compreender que dentro do ambiente de informalidade e descontração, que é sua casa, deve haver concentração para participarem do que está sendo proposto.”

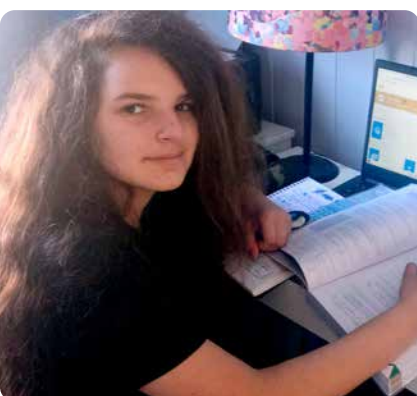
Luana Yunes Vieira, mãe da Júlia e do Luiz Vieira Rockenback, alunos da Escola Sagrada Família

IMAGEM: Divulgação



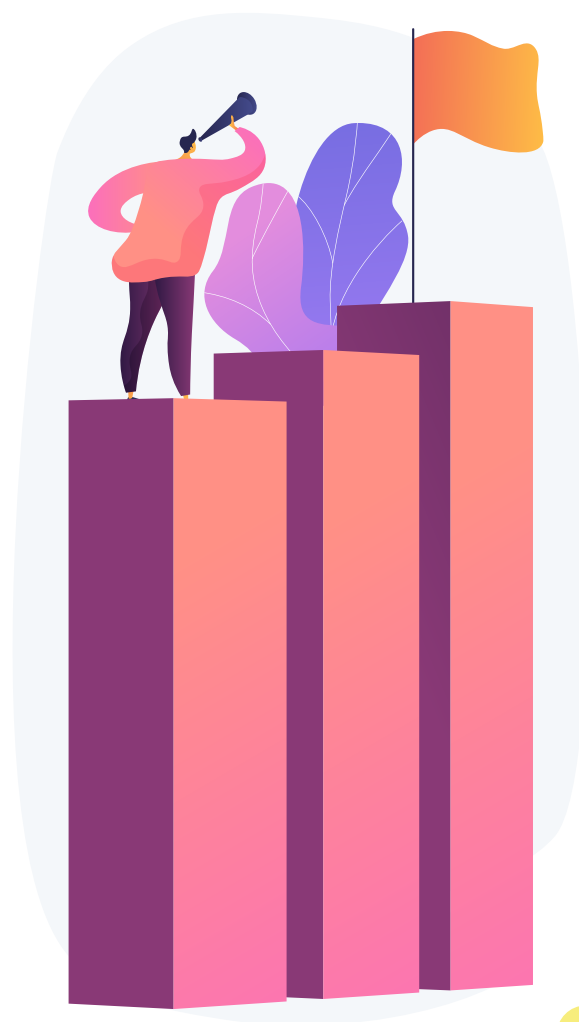
Sabrina Feijó, mãe do Joaquim Rezende Feijó, aluno da Escola Nossa Senhora Estrela do Mar

“Atualmente, acompanhamos mais de perto os estudos do Joaquim do que nos tempos de aulas presenciais. Durante esse período de ensino remoto, já notamos que está mais independente para buscar o conhecimento e administrar sua rotina de estudos.”



Neivaci Torres Fernandes, mãe da Maria Eduarda Torres Fernandes, aluna da Escola Sagrado Coração de Jesus

“Muita coisa mudou, e não ter os colegas e professores na mesma sala é um pouco estranho. O esforço dos professores e dos alunos teve que ser redobrado. Depois de um ano de ensino remoto, estamos mais familiarizados com essa forma de estudar.”



Educação híbrida - “uma transformação progressiva e irreversível”

Tamires Hoff

O coronavírus virou de ponta cabeça a vida de todos e as escolas foram as instituições mais impactadas com as mudanças. Depois de um 2020 de incertezas e tentativas, erros e acertos, em 2021 as instituições de ensino aproveitam os recursos oferecidos para colocar em prática as lições aprendidas e amadurecer suas estratégias. O que não se imaginava, no começo da pandemia, é que essa seria também uma oportunidade para introdução de importantes transições na educação, como é o caso do Ensino Híbrido.

Uma transformação progressiva e irreversível. É assim que o doutor em Comunicação, professor de Novas Tecnologias, da Universidade de São Paulo (USP), e palestrante sobre metodologias ativas, modelos híbridos e tendências na educação, José Moran, classifica a educação híbrida. A concepção básica desse modelo, conforme Moran, combina e integra atividades didáticas em sala de aula com outras em espaços digitais. “O conceito de educação híbrida é mais abrangente ao envolver toda a comunidade escolar no redesenho das melhores combinações possíveis na integração de espaços, tempos, metodologias, tutoria para oferecer as melhores experiências de aprendizagem a cada estudante, de acordo com suas necessidades e possibilidades”, resume o professor.

Muito além da combinação de atividades presenciais e remotas, há diversos modelos de Ensino Híbrido. A visão do quanto o componente digital é fundamental para esse conceito encontra divergências no Brasil, segundo a gerente de Formação e Assessora da Positivo Soluções Didáticas, Sarah de Moraes. “No ensino híbrido, o estudante está no centro do processo de aprendizado, e é fundamental a combinação de atividades nas modalidades virtual e presencial que melhor resultem nos objetivos de aprendizagem”, avalia Sarah, acrescentando que é preciso planejamento destas atividades pelos professores, que devem apresentar a proposta com clareza, organização e dentro da realidade dos alunos.

Um dos diferenciais destacados pelo diretor da Triade, consultoria em educação voltada para for-

mação em metodologias ativas, Leandro Holanda, é a personalização da aprendizagem. “Personalização é considerar que os alunos têm estilos de aprendizagens diferentes. Portanto, a minha sequência didática vai desde aulas expositivas, até aulas práticas, momentos de leitura, de debate e de investigação”, detalha Holanda, e explica que a realização de uma mesma aula, no mesmo formato, apenas com a mudança do conteúdo, significa não personalizar. “Recursos digitais ajudam. Ao mesmo tempo em que o aluno vai ler um livro, ele (professor) pode sugerir uma atividade que o estudante vai ter que desenvolver, ou terá de consumir um vídeo e/ou criar um mapa mental”, exemplifica.

Os desafios do híbrido

O acesso personalizado aos conteúdos, por qualquer aparelho e no ritmo desejado, desenvolve também maior autonomia para o aluno. Assim, ele pode escolher o percurso adaptado às suas necessidades e expectativas, como ressaltava Moran. Ao mesmo tempo, o professor aponta que são desenvolvidas competências comunicacionais e avaliativas. Isso ocorre pela riqueza e diversidade de atividades e projetos, dentro e fora do ambiente escolar, nos espaços presenciais e digitais, em momentos síncronos e assíncronos.

Há desafios a serem superados, conforme Moran. Na educação híbrida, os papéis se modificam. “Isso exige uma mudança cultural e de postura. O professor é menos transmissor e mais desenhador de processos, experiências e atividades para serem realizadas”, esclarece. Para este resultado, ele salienta a necessidade de maior domínio de plataformas e aplicativos digitais, além de acompanhar os percursos de cada aluno.

Algumas adversidades podem ser acrescentadas no processo, de acordo com o doutor em Comunicação, como as condições de trabalho dos professores. O professor Moran destaca que, muitas vezes, eles atuam em mais de uma escola e contam com muitos alunos, dificultando o planejamento e o acompanhamento. “É cansativo ficar muito tempo online e manter a motiva-

ção dos estudantes e dos docentes em períodos longos. Sem condições objetivas, é heroico pedir que os docentes sejam inovadores”, analisa.

Outro grande desafio enumerado pelo especialista em modelos híbridos é a precariedade de estrutura em muitas escolas e residências do País, além da fragilidade no desenvolvimento das competências digitais de uma parte dos docentes, discentes e também das famílias.

Formação continuada

Diante de um quadro de isolamento social, as escolas precisaram adotar o ensino remoto de maneira emergencial. Num segundo momento, as atividades foram pensadas já dentro do contexto da pandemia. Neste ano, com o retorno gradual das atividades presenciais, permanece a percepção da importância da tecnologia na mediação do ensino. Holanda ressalta que é necessário formação continuada dos docentes, do entendimento dessas novas práticas não vivenciadas por eles na universidade. No entanto, o modelo de trabalho do professor, de hora em sala de aula, é classificado como complexo diante deste novo cenário.

A autonomia do aluno na aprendizagem também precisa ser trabalhada desde o ensino básico. Segundo o consultor em formação de metodologias ativas, essa é uma importante etapa na construção do desenvolvimento da autonomia. “Um estudo diz que os alunos acham que aprendem mais quando o professor explica, mas mostra que eles aprendem mais quando eles vivenciam e passam por metodologias ativas. Acho que o grande desafio do aluno é entender que não é só na aula expositiva que ele vai conseguir mobilizar e preparar para o Enem ou para outras provas. Tem que desconstruir isso, o que é complexo.”

Aulas mais atrativas

As avaliações diagnósticas online permitem que o professor acesse em poucos cliques o relatório com questões que os estudantes tiveram mais dificuldade. Dessa forma, é possível concentrar suas aulas nessas dúvidas, de acordo com Sarah. “O próprio estudante também pode fazer com autonomia simulados a partir das suas próprias escolhas”, comenta.

Para tornar as aulas mais atrativas, ela recomenda que o docente tenha clareza de qual é o objetivo da aprendizagem e a expectativa com cada momento. “Não adianta preparar uma aula expositiva e esperar que os estudantes serão muito participativos ou aplicarão um conceito. Se a expectativa é uma aula participativa, precisa ser desenhada para isso”, analisa Sarah.

Os professores também devem observar o tempo de tela, alerta a gerente de Formação e Assessoria da Positivo Soluções Didáticas. Quanto mais jovens os alunos, menos tempo de tela e grupos menores são fundamentais, mas sem deixar de lado a socialização. “Sobre conteúdos assíncronos, alguns educadores têm utilizado a tática de dividir a idade do cursista por dois e chegar à minutagem máxima de um vídeo. Por exemplo: Um adulto de 30 anos consegue se concentrar em um vídeo de no máximo 15 minutos. Um jovem de 14 anos, no máximo sete minutos.”

Para as crianças menores, o professor Moran lembra que é preciso muita interação lúdica, contato visual, movimentação corporal, participação em desa-

IMAGEM: Divulgação





fios, jogos e músicas. “As atividades precisam ser curtas e intensas (para os que têm acesso síncrono). Se não há esse acesso síncrono, professores podem, por exemplo, gravar pequenos vídeos orientadores para os pais, com a sequência de atividades para serem realizadas em casa pelas crianças, com o apoio dos pais e prevendo como essas atividades serão devolvidas para os docentes”, sugere.

Já com aqueles que sabem ler e escrever e para os alunos maiores, podem ser usados vídeos, textos e pesquisas, para um processo de aula invertida. Os estudantes preparam, no seu ritmo, a participação em desafios, debates, tiram dúvidas, realizam projetos em pequenos grupos e com a turma inteira em momentos síncronos. “Uma das sequências que costumam dar resultado é: aula invertida (preparação) + rápida retomada em momento síncrono (pequena explicação de questões nas quais os estudantes mostram mais dificuldades). A seguir, proposta de uma atividade participativa (desafio, jogo, projeto em grupos com tempo definido e alguns papéis: redator, cronometrista...); depois, tempo para apresentação dos resultados (em murais digitais como o Padlet, o Jamboard etc) e tempo para uma avaliação do que se aprendeu e do processo (feedback imediato, rubricas, portfólio)”, recomenda Moran.

Escolha das ferramentas

Na escolha das ferramentas, o professor Moran

ressalta a necessidade de os gestores escolares conhecerem o real acesso remoto e domínio digital dos seus estudantes. “Isso é importante para prever as atividades com plataformas síncronas ou não, com o uso de materiais de comunicação por WhatsApp ou outras redes sociais, definir como interagir com estudantes que têm acesso muito precário (roteiros e atividades impressos) e escolher a melhor estratégia de entrega e recebimento.”

Para as escolas que estão em um estágio incipiente de domínio tecnológico, a orientação é que comecem pelas plataformas e aplicativos básicos, e cita alguns como: Google Sala de Aula, incluindo todos os aplicativos de compartilhamento fácil como Google Docs, formulários, Jamboard, Padlet, Flipgrid e Mentimeter, ferramentas que já são utilizadas nas escolas da Rede Notre Dame, com investimentos contínuos na formação dos professores para utilização desses recursos.

A ampliação desse repertório deve ocorrer aos poucos, com o compartilhamento de práticas, workshops e tutoria dos professores mais avançados em relação aos que têm mais dificuldades. “Muitas escolas já têm plataformas mais robustas, integradas e com uma boa análise de dados do percurso de cada estudante e da atuação de cada docente. É um campo em intenso desenvolvimento, com o apoio de muitas empresas jovens que trazem soluções para tornar o processo de ensino e aprendizagem mais personalizado, participativo e visível para todos”, resume.

Metodologias ativas

O papel do professor nas metodologias ativas é desenhar como será feito o processo. É preciso dar tempo na aula para que o estudante produza, enquanto o professor acompanha o trabalho, e perceber se o aluno consegue desenvolver, além de dar feedback, como enumera o diretor da Triade, consultoria em educação voltada para formação em metodologias ativas. “Além de curar conteúdo, passa a desenhar uma experiência para cada atividade que vai desenvolver”, ressalta Holanda.

Através das metodologias ativas, Moran aponta maior engajamento dos estudantes, com a percepção da relação dos conteúdos com o cotidiano. “Aprendem com a experiência, com estratégias diversifica-

das (projetos, problemas, jogos, desafios, construindo histórias) e com a reflexão oferecida por materiais relevantes, facilitando o desenvolvimento de competências cognitivas, pessoais e sociais”, destaca o professor, complementando: “Metodologias ativas se tornam relevantes com educadores criativos, humanos e profundamente acolhedores.”

Futuro da “hibridização”

Em todo o processo de mudança, o início é desafiador e os pontos difíceis são vistos com grandes lentes, na opinião da gerente de Formação e Assessoria da Positivo Soluções Didáticas. Sarah frisa a importância de não culpabilizar, e sim buscar soluções. “No ensino híbrido, os alunos estão se sentindo perdidos. Porém, quando em sala de aula, eles normalmente também perguntam o famoso: ‘O que é para fazer, professora?’. Com o dia a dia, o professor pode trazer mais clareza sobre onde encontram ‘o que é para fazer’ e estruturar um roteiro de estudo combinando diferentes atividades e tempos em grupo grande, grupos pequenos e tempos de dedicação direta com cada estudante”, sintetiza.

Com uma realidade diversa e complexa, Moran acredita não ser possível o avanço do Ensino Híbrido de maneira rápida para todos. “Temos escolas com propostas diferentes e atendendo a expectativas sociais diferentes (mais ou menos conteudistas, mais tradicionais ou progressistas, com mais ou menos recursos). Na Educação Básica, predominará a aprendizagem ativa em ambientes presenciais com integração – sempre que necessário/possível – de plataformas, aplicativos e atividades digitais.” Para ele, continuarão os modelos mais conhecidos, como a aula invertida, rotação por estações e rotação individual. “No Ensino Médio e nos anos finais do Fundamental, testaremos modelos mais personalizados e online, como os modelos flex (roteiros personalizados online com o professor por perto), a la carte (fazer um, ou mais módulos online) ou virtual enriquecido (parte presencial, parte online)”, conclui.

A “hibridização” será progressiva, como projeta Moran, de acordo com a idade e o avanço do estudante no currículo e as condições de acesso das escolas, docentes e estudantes. Uma dica, para quem quiser aprofundar os conhecimentos sobre o assunto, é o livro: *Ensino Híbrido – personalização e tecnologia na educação*, da Editora Penso.

IMAGEM: Freepik.com



Do Santa Catarina para os campos do mundo

Tamires Hoff



Para a bola rolar no campo e o esporte mais amado do Brasil acontecer, é preciso dele, do árbitro de futebol. Do quadro dos dez juízes mais importantes do País, Anderson Daronco é considerado um dos melhores. Nascido em Santa Maria, o educador físico, de 40 anos, já fez parte da família Notre Dame e cursou todo o Ensino Fundamental na Escola Santa Catarina. Há sete anos, Daronco está no quadro dos árbitros da Fifa e tem no currículo partidas de importantes competições, nacionais e internacionais.



Só em campeonatos brasileiros já foram mais de 300 jogos. “Tive a felicidade de apitar todos os clássicos do futebol brasileiro, posso falar com propriedade e compará-los. Sem dúvida, o Grenal é o mais difícil, tanto dentro do campo de jogo, quanto fora, nas semanas que antecedem ou nos dias que sucedem”, revela.

O início da carreira de 22 anos ocorreu enquanto cursava a faculdade de Educação Física, após o curso de árbitro, para atingir a carga horária extracurricular obrigatória. “Abriu algumas portas para começar a apitar, não profissionalmente como hoje, mas em jogos amadores e vinculados à Federação Gaúcha de Futebol”, explica. Os jogos trouxeram a possibilidade de independência financeira e, aos poucos, se tornaram uma paixão. Das partidas amadoras infantis e de veteranos, em Santa Maria, ele foi conquistando maior espaço e, em 2004, estreava no Campeonato Gaúcho.

Família Notre Dame

De 1987 a 1994, Daronco foi aluno da Escola Santa Catarina. Com a relação de amizade com colaboradores e colegas, via o colégio como uma extensão de casa. “Lembro que passava todas as minhas manhãs e tardes no colégio, mesmo que não fosse de ensino integral. Jogava bola no pátio. A gente conhe-

cia todo mundo e as irmãs deixavam. Tinha colegas que faziam o mesmo”, relembra e conta que jogava em de torneios futsal e vôlei, promovidos pelas escolas da Rede Notre Dame.

O gosto pelo esporte também começou na escola e teve no professor de Educação Física, Sérgio Alves, uma inspiração para escolha da carreira. “A minha prática esportiva no Santa Catarina foi o que acabou me levando à paixão pelo esporte e à faculdade de Educação Física. Era um ambiente muito familiar. Lembro que sair no 8º ano foi algo muito marcante, era uma pena não poder continuar o Ensino Médio na escola”, recorda e conta que, mesmo após sair da escola, permaneceu a relação de carinho e amizade com as irmãs, alguns professores e funcionários do Santa Catarina.

Gremista ou colorado?

Uma rotina de preparação física e técnica faz parte da vida de um árbitro de futebol. “Somos atletas e precisamos treinar diariamente e nos preparar também tecnicamente, das formas como as instituições nos oferecem, seja Federação Gaúcha de Futebol, CBF, Conmebol, Fifa, às quais eu sou vinculado. Cada uma tem o seu nível de preparação técnica.”

Fora do campo, Daronco revela que não é incomum ser abordado por torcedores. Ele conta já ter sofrido tentativas de agressão física, quando atuava no futebol amador. “No aspecto verbal tem muito, a gente é muito abordado na rua, em qualquer situação. Às vezes não é uma ofensa verbal, mas uma piadinha. Quando a pessoa vem para conversar numa boa, explico o porquê do erro, mas, se partir para o caminho da ofensa, procuro colocar um limite nisso”, comenta.

Ao ser questionado sobre para qual time da dupla Grenal torcia, o árbitro esclarece que na infância torcia para um dos times, o que ficou no passado. “O que garante o meu sustento e o da minha família é a minha boa arbitragem e as minhas decisões no campo, independente da equipe que esteja apitando. Essa equipe ficou no passado”, revela e completa: “Já acompanhei notícias de pessoas com teorias sobre a minha torcida. Se eu apito A contra o B, e o A ganhar, vão dizer que eu torço para o A. Lá no outro ano muda e o B ganha do A, aí o A vai dizer que eu torcia para o B. Quem sabe, se as pessoas sou-



bessem lidar melhor com esse tipo de informação, pudéssemos revelar nosso time de infância.”

Planos futuros

O sonho de todo árbitro é apitar uma Copa do Mundo, conforme Daronco, mas entende que não seja algo simples. “É uma competição de quatro em quatro anos, é complicado. Assim como eu sonho, meus colegas também sonham e cada um fez por merecer para chegar na trajetória.”

Após 22 anos de carreira, o sentimento é de orgulho, segundo o juiz de futebol. “Para quem apitava jogos de veteranos em Santa Maria, ter a oportunidade de apitar jogos de seleções nacionais, em competições como eliminatória de Copa do Mundo e Copa América, encheria de orgulho qualquer um. Confesso que me sinto muito realizado”, analisa o santamariense. A intenção é seguir apitando o máximo de jogos possível, segundo Daronco, mantendo o alto nível de atuação e a credibilidade que conquistou.



FOTOS: Arquivo pessoal

Pandemia e o cuidado com a criação: o futuro depende de nós

Cristian Cesar Weber Pereira, Professor de Ciências da Natureza – Escola Sagrado Coração de Jesus

De acordo com o artigo 225 da Constituição Federal de 1988 (p. 116), todo brasileiro tem direito ao meio ambiente preservado. No entanto, não é isso que se percebe nos últimos anos.

Com a chegada dos colonizadores, em 1500, nosso território virou alvo da exploração dos recursos naturais e sofreu com a degradação ambiental. A exploração demasiada destes recursos causou a extinção de diversas espécies, animais e vegetais, e colocou sob forte ameaça outras tantas.

O modo de vida da sociedade moderna modificou os hábitos de consumo e intensificou a necessidade do aumento da produção e a expansão das fronteiras agrícolas.

Junto à intensificação, agravamos os casos de queimadas, desmatamento e poluição, contribuindo para o surgimento de doenças e diminuindo a qualidade de vida.

A pandemia do novo coronavírus é uma consequência da degradação ambiental. Anterior à Covid-19, já enfrentávamos problemas de zoonoses, como ebola, gripe aviária, zika, dengue, malária, entre outros.

De acordo com a professora da UFRA, Vania Neu, “à medida que o homem desrespeita esses ambientes, destrói florestas, desaloja espécies e elimina habitats, ele força os animais a se moverem, permitindo que os patógenos fiquem próximos do ser humano e também saltem de uma espécie para outra”.

Podemos reverter este quadro, apesar do panorama atual de alerta total em relação às mudanças climáticas e suas consequências. Mas, para isso, precisamos de uma guinada em 180 graus em nossos hábitos. Preciso de tudo que consumo? O que faço para reduzir os resíduos que gero? Cobro de autoridades uma política ambiental eficiente? Como contribuo para a conservação da criação? Estes são alguns questionamentos que devemos fazer a nós mesmos para uma virada a um futuro de recuperação do meio ambiente e para as próximas gerações.

FOTOS: Divulgação



Para mudar o mundo é necessário que a mudança comece por nós. “**Pensar globalmente, agir localmente**” (ECO-92).

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico: 1988. Página 116.

KISHI, Jussara. Desmatamento e degradação ambiental podem favorecer o surgimento de novas pandemias. **Universidade Federal Rural da Amazônia**. Disponível em: https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2669&catid=17&Itemid=121. Acesso em 21/04/2021.

SOUZA, Caroline. A preservação do meio ambiente pode evitar o surgimento de outras doenças como a Covid-19. **Portal UFLA**. Universidade Federal de Lavras. Disponível em: <https://ufla.br/noticias/pesquisa/13788-a-preservacao-do-meio-ambiente-pode-evitar-o-surgimento-de-outras-doencas-como-a-covid-19>. Acesso em 21/04/2021.

DOUROJEANNI, Marc. Coronavírus: uma interpretação ecológica. **Portal O Eco**. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/colunas/coronavirus-uma-interpretacao-ecologica/>. Acesso em 21/04/2021.

Despertar para Deus

Irmã Sinteia Maria, SND



Irmãs Deisi e Shirle e Postulante Emanuele

Deus ama, com cuidado e predileção, cada um de seus filhos e filhas queridas! Cada pessoa é convidada a despertar para essa experiência do amor providente de Deus. Somente quando percebemos a gratuidade e a generosidade de Deus somos capazes de abrir-nos para desenvolver em nós a fé e os dons que o bom e providente Deus nos oferece, expressando-os em gestos concretos de cuidado com a vida.

A gratidão é uma das formas de despertar para o amor de Deus. Quando agradecemos, percebemos as abundantes graças que recebemos, bem como a beleza, o dom e a bondade naquilo que nos circunda. De fato, é observável o efeito que a gratidão causa na vida das pessoas, uma vez que, pelo gesto de gratidão, a mente se torna mais aberta e receptiva aos dons de Deus.

Contemplar a criação e ler a Palavra de Deus são dois caminhos que nos ajudam a despertar para o amor de Deus. Deus quer se comunicar, conversar conosco como um amigo fala a outro amigo. Precisamos prestar atenção e estar dispostos a dedicar tempo a esse amigo que quer ouvir o nosso coração e nos comunicar o que há de mais profundo: o amor. Na natureza, o Criador se revela por sua obra: se estivermos atentos ao ver, ao ouvir, ao tocar, ao sentir o cheiro e ao gosto do que Deus criou, podemos

fazer a experiência da bondade e do amor de Deus. Na Bíblia, Deus revela o seu coração a nós, principalmente nos gestos e nas palavras de Jesus. Somos convidados a permanecer com o Senhor e contemplar sua Palavra de amor.

Deus nos ama e nos chama. Jesus chamou os seus discípulos para estar com Ele e eles aceitaram o convite, deram a sua resposta afirmativa. Toda pessoa é convidada a ir ao encontro de Jesus, a fazer a experiência da comunidade que tem Jesus no centro, a estar com Jesus para aprender dele, para depois poder partir em missão. Nesse processo de Despertar, de chamar e de responder, Deus tem um profundo respeito pela liberdade de resposta da pessoa, ao mesmo tempo em que Deus tem a liberdade de continuar convidando.

Deus nos ama, nos chama e nos capacita. Sempre que Deus chama alguém para uma missão, Ele também dá as ferramentas para que essa missão possa ser realizada. Se é Ele quem envia, certamente dará as condições para que a pessoa realize a missão à qual foi designada. Deus envia-nos ao encontro dos outros para cuidar, acolher e convidar a fazer a experiência da bondade e do amor providente de Deus.

Quando despertamos para Deus, sentimos a necessidade de levar aos outros a alegria da experiência que fazemos, de forma que, por nossa vivência e nosso testemunho, somos instrumentos de Deus, proclamando pela nossa vida a bondade e o amor providente de Deus. “Quando o bom Deus nos chama para algo, a sua bondade nos dá o que precisamos.” (Santa Júlia, carta 119, 1809)

PARA REFLETIR:

1. Em que momentos percebo o amor de Deus em minha vida?
2. Quais são os motivos, os dons, as situações que tenho para agradecer?
3. Para que missão me sinto chamado por Deus?

Santa Júlia e a Bíblia

Irmã Sinteia Maria, SND



FOTO: Divulgação

Santa Júlia foi uma mulher de profunda espiritualidade e de percepção da bondade e do amor de Deus. Hoje falamos sobre a importância da Palavra de Deus para o cultivo da espiritualidade cristã. Será que Santa Júlia teve acesso à Bíblia? Certamente não como a temos hoje, pois em sua época o acesso à Bíblia era mais restrito. Possivelmente Júlia teve acesso a fontes que mencionavam escritos da Sagrada Escritura, tanto do Novo como do Antigo Testamento.

Em seus escritos, Júlia demonstra um profundo conhecimento da Sagrada Escritura. Alguns textos bíblicos são mencionados por Júlia tais como os encontramos em nossa Bíblia moderna, e outros são parafraseados ou relatados com as próprias palavras de Júlia.

Na carta 400 (1815), Júlia escreve à Irmã Julien: “Minha boa filha, bendigo o bom Deus que o meu mal-entendido lhe foi salutar; veja como o bom Deus se serve de tudo! Adoremos em tudo seus adoráveis desígnios e permissões; é como diz São Paulo: ‘Tudo contribui para o bem daqueles que amam o bom Deus’ (cf. Rm 8,28) e que têm o coração reto.”

Júlia exortava suas Irmãs a perceberem em tudo a bondade de Deus e zelava pela vocação de cada uma delas, bem como das pessoas confiadas à missão das Irmãs. Na carta dirigida à Irmã Escolástica, Júlia escreve: “Lembremo-nos de que todas somos chamadas para a felicidade no céu. É a todos os cristãos que nosso divino Mestre, Nosso Senhor Jesus Cristo, disse: ‘Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito.’ (cf. Mt 5,48). Não é só aos religiosos e às religiosas que ele disse isso, mas a todos os cristãos. Quantos há no mundo que vivem conforme o espírito do cristianismo? Eu lhe pergunto. Entretanto, todos são chamados, por sua santa vocação de cristãos, a seguir seu divino modelo, Nosso Senhor Jesus Cristo, pois ele disse que é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6) (Carta 371, 1815).

É no Evangelho que Júlia reflete sobre o equilíbrio entre a dedicação ao apostolado e o cultivo da interioridade. Assim ela se expressou na carta dirigida ao Mons. Neujean: “Não é fácil ser Marta e Maria (cf. Lc 10, 38-42); nós devemos cumprir estas duas funções ao mesmo tempo. Para tanto, precisamos de

almas despojadas de si mesmas para a nossa obra que está realmente acima das nossas capacidades; o bom Deus confia aos nossos cuidados as almas de tantas crianças!” (Carta 407, 1815).

Nos momentos de dificuldade na missão, Júlia encoraja as suas Irmãs. Assim escreve na carta à Irmã Marie-Caroline: “Minhas queridas filhas, chegaremos, apesar de todas as dificuldades que vamos encontrar no nosso caminho. Tudo isso servirá para firmar-nos na nossa santa vocação(...): ‘O que sabe aquele que não foi provado pelo fogo da tribulação?’ (Eclo 34,9) Coragem, minhas queridas e boas filhas...” Na mesma carta, escreve ainda: “Bendigo o bom Deus pela sua coragem. Quem a põe dentro de vocês senão aquele que lhes deu a graça de chamá-las a uma vocação tão santa? ‘Não tenhais medo, pequeno rebanho, o bom Pastor vos guarda, ele saberá defender-vos dos ardores do sol, durante o dia e, durante a noite, da adversidade e de todos os perigos aos quais vós poderíeis estar expostos’ (cf. Lc 12,32 e Jo 10, 11.14). ‘Não, aquele que guarda Israel não dormirá, oh, não, ele não dormirá’ (cf. Sl 121); contem com a sua caridosa vigilância” (Carta 119, 1809).

Santa Júlia incentivava suas Irmãs a cultivarem com profundidade a meditação da Palavra de Deus. Assim escreve à Irmã St-Jean: “‘Pedi’, diz-nos nosso bom e amável Salvador, em seu santo Evangelho, ‘e vos será dado; batei e se vos abrirá’ (cf. Mt 7,7). Leia-mos com fruto as promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo e delas tiraremos todas as forças que nos ajudam no caminho da virtude que nosso divino Mestre nos traçou, através dos santos exemplos de virtude que praticou. Assim ele nos mostra que nada é difícil com o socorro da graça” (Carta 181, 1811).

Num tempo em que o acesso à leitura da Bíblia era tão restrito, Santa Júlia cultivou uma profunda espiritualidade bíblica, incentivando também suas Irmãs a conhecerem e a rezarem as Santas Escrituras. Hoje temos muito mais oportunidades de ler a Bíblia, aprofundar e participar de estudos bíblicos. Como Santa Júlia se alegraria de usufruir da riqueza que temos à disposição em nossos dias. Priorizemos em nossas vidas o tempo para ouvir a voz de Deus: leiamos, meditemos, contemplemos... Permitamos que nossas vidas sejam iluminadas por meio da aproximação da leitura bíblica com a nossa realidade atual. Aprendamos com Santa Júlia a valorizar a Palavra de Deus.



FOTOS: Divulgação

Educação Híbrida: professores e alunos se reinventando

Silviane Assunção Costa, professora

Pensar o ensino híbrido é apropriar-se de uma das maiores tendências da educação do século XXI, unindo a flexibilidade dos estudos em ambientes virtuais, com as possibilidades e os benefícios oferecidos pela convivência em sala de aula.

Nos últimos anos e, especialmente, neste longo período de confinamento por conta da pandemia, avançamos muito na percepção e na experimentação de que podemos ensinar e aprender de forma muito mais flexível, personalizada, humanizada e colaborativa.

Para exemplificar essa prática atrelando virtual, híbrido e presencial, no nosso novo normal, gostaria de contar minha história.

Estar docente é algo fantástico, estamos sempre rodeados de novidades. Mas falar em novidade jamais foi tão específico quanto o ano de 2020. Acredito que, quando conto isso, dou voz a todos os professores que, do dia para a noite, tiveram de se reinventar e criar um novo modo de ser e estar com seus alunos.



Aprendizados de 2020 serviram de base para planejar o 2021

Sempre fui de inovar e comecei me reinventando na forma das aulas síncronas e assíncronas. Como professora de Espanhol, tive o privilégio de trabalhar em 2020 com Ensino Médio, tendo como foco muito mais que somente a gramática, mas o idioma para a vida.

Gostaria de partilhar uma das muitas atividades que desenvolvi nessa missão com os alunos, pautada na prática de sala de aula invertida. Era uma tarefa que trabalhava o empreendedorismo. Os alunos realizaram pesquisas para explorar o mercado, e nós criamos um produto e divulgamos. Toda prática trabalhou o idioma, com falas, gramática e nosso lado

empreendedor. Todos foram excelentes, e alguns realmente desenvolveram suas pequenas empresas.

De venda de bolo a lojas on-line, mas, sem dúvida nenhuma, uma das tarefas que mais me marcou foi a de uma aluna que, quando iniciamos a atividade, não sabia muito o que desenvolver e me perguntou se poderia fazer origamis para vender, em formato de marcador de páginas.

Respondi que sim, que seria uma ótima ideia que ela poderia desenvolver, afinal, era algo que a deixaria feliz e motivada. E lá fomos nós...

O trabalho foi um sucesso. Poderia escrever mil palavras caracterizando essa atividade, mas, para resumir, quero apenas contar qual foi meu presente de Natal. A formatura em 2020 foi algo ímpar. No final da cerimônia, recebemos algumas lembranças dos alunos e, entre elas, uma que me arrancou lágrimas: um origami marcador de páginas, produto concebido em nossa atividade de empreendedorismo e que deixou lembranças realmente positivas nesta aluna. Hoje, guardo essa lembrança em minha carteira e sempre que penso em quanto está difícil esse “novo normal”, recordo-me daquele origami e vem a certeza de que eu fiz a diferença para alguém.

Aprendizados de 2020 serviram de base para planejar o 2021, que continua nos desafiando a buscar práticas inovadoras. Precisamos conciliar bondade, firmeza e excelência, nunca perdendo o carisma ND. Como escuto sempre, nossos alunos precisam estar felizes para aprender. Esse é o legado de Jesus e a marca de Santa Júlia.



FOTO: Divulgação

Precisamos conciliar bondade, firmeza e excelência

O ensino híbrido e o relato de atividades desenvolvidas no ensino remoto

Bianca Marques Maio, professora

A crise sanitária causada pelo Covid-19 modificou todas as relações de afetividade e de comunicação. Nós, educadores da Escola Nossa Senhora Estrela do Mar, ainda não realizamos o ensino híbrido em sua plenitude, a escola permanece no ensino remoto. Contudo, estamos passando por uma série de formações pedagógicas, a fim de contribuir para a nossa preparação no ensino híbrido.

De uma maneira geral, o ensino híbrido é uma metodologia que combina a aprendizagem presencial e a remota, permitindo que o aluno estude sozinho on-line ou em sala de aula, interagindo com os colegas e com o professor.

Partirei da proposta formulada pelo educador Geraldo Peçanha de Almeida. Ele propõe a construção de três pilares básicos para aplicar o ensino híbrido. No primeiro pilar, a sequência didática é entendida como um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um tema gerador. O segundo pilar, a rota de aprendizagem, conta com três momentos essenciais: interação entre alunos e professor, trabalho colaborativo e tecnologia. O último pilar, o *onlife*, refere-se à aprendizagem como um todo. A *onlife* dilui as margens dos espaços digitais e não digitais, não há separação da vida online da vida offline, tudo pertence ao mesmo processo de aprendizagem. Nas linhas abaixo relato algumas atividades pedagógicas aplicadas aos meus alunos do Ensino Fundamental II, através destes três pilares.

“Viajando para Aprender” é o nome do trabalho interdisciplinar aplicado pelas professoras das disciplinas de Geografia, Matemática e Língua Inglesa aos alunos do 6º ao 9º ano da Escola Nossa Senhora Estrela do Mar.

FOTOS: Divulgação



Apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos foi separada em dois momentos

O objetivo da atividade foi propiciar a aprendizagem voltada para as interconexões, a aquisição de conhecimento de mundo, de valorização de culturas e de trabalho em equipe. Cada disciplina foi responsável por contribuir no planejamento de uma viagem internacional, sendo esta viagem realizada no campo da virtualidade e simulação, para que se estimule o diálogo e vivência em Língua Inglesa, incluindo as visitas a pontos turísticos nos países previamente escolhidos, bem como despertar os estudantes para a responsabilidade da educação financeira, necessária neste tipo de viagem.

Os alunos foram divididos em grupos e, após as escolhas dos destinos (países), as professoras realizaram uma aula interdisciplinar em cada turma para apresentar as instruções e as orientações do trabalho, além de sugerir fontes, infográficos, links e vídeos para a realização da viagem virtual.

A apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos foi separada em dois momentos distintos: primeiro, foi pedido para que cada grupo entregasse um documento com todas as pesquisas e os diálogos realizados. Já na segunda parte, foi solicitada uma apresentação por slides, para que a turma acompanhasse a viagem dos colegas, tendo a oportunidade de observar os aspectos individuais das viagens e dos países escolhidos.



Passamos por diversas formações pedagógicas, na preparação para o ensino híbrido

O ensino híbrido e as metodologias ativas no ensino de Ciências

Bianca Pires Schmidt, professora

Com a pandemia, o ensino precisou se adaptar, remodelar-se em um contexto que era desconhecido, e ainda estamos trilhando essa jornada. O ensino híbrido apresentou-se como uma modalidade de ensino oferecida neste período, além da modalidade totalmente remota.

Neste ano, tivemos uma breve experiência trabalhando com o ensino híbrido, pois, com apenas uma semana de aula, enfrentamos o pior momento da Covid-19, logo sendo decretado o retorno ao ensino remoto devido à bandeira preta.

É notório que o ensino de Ciências desperta o interesse do educando pelo desconhecido, faz perceber o quão dependentes e ao mesmo tempo interligados ao meio ambiente estamos. Além disso, estimula a busca por respostas, auxilia na descoberta e no conhecimento do mundo.

De acordo com a Base Curricular Notre Dame (BCND), uma das competências da área das Ciências da Natureza é desenvolver o espírito investigativo, tendo a vontade de questionar, levantar hipóteses e buscar a pesquisa como um caminho para a invenção criativa, reconhecendo que a cientificidade deve estar presente em situações cotidianas que envolvam o bem-estar comum.



Uma competência de Ciências da Natureza é desenvolver o espírito investigativo

Pensando nisso, optei por trabalhar no ensino híbrido com metodologias ativas, pois elas promovem reflexão, estimulam o aluno na busca por respostas, sendo ele o protagonista do seu aprendizado.

Exemplificando essa proposta, ao trabalhar o objeto do conhecimento “movimentos da Terra”, com

alunos do 6º ano, muitos questionamentos e dúvidas surgiram num primeiro momento, despertando o interesse e servindo como “gatilho” para o desenvolvimento do trabalho com a sala de aula invertida.



FOTOS: Divulgação

O ensino de Ciências desperta o interesse do educando pelo desconhecido

Nessa conjuntura, o aluno recebe orientações e, em casa, executa tarefas de leitura do material didático, material de apoio por meio de links, bem como vídeos para aprofundamento do conteúdo, para, posteriormente, discutir em sala de aula. Além disso, foi orientada uma atividade prática de confecção de modelos das fases da Lua, eclipses e também a tarefa de fotografar a Lua. O resultado foi de muito aprendizado, pois questões que inicialmente eram dúvidas foram esclarecidas através do momento de fala e apresentação das atividades.

Esse aprendizado vem ao encontro do que é colocado como objetivo de outra competência da área das Ciências da Natureza, em que o aluno deve “ler os fenômenos naturais”, utilizando-se das linguagens da química, da física e da biologia, reconhecendo que o olhar interdisciplinar propõe um entendimento mais amplo e complexo. Assim, raciocina-se de forma ética e sensível sobre o mundo.

Com certeza, seguirei trabalhando com as metodologias ativas, visto que o crescimento e a efetiva aprendizagem do aluno ficaram muito claros. Diante disso, parece cada vez mais evidente que nós, professores, devemos buscar diferentes estratégias e que também necessitamos nos adequar ao tempo e aos nossos alunos, propiciando situações de aprendizagem que potencializem a sua capacidade de formular hipóteses, raciocinar e construir conhecimentos de forma autônoma.

O ensino híbrido: a visão de uma equipe docente que tem se resignificado constantemente

Patricia Fabiane Nanthal Machado, assessora pedagógica

“Um professor competente sabe para onde tem que voar e sabe aonde precisa aterrissar.” Parafraseando essa frase da Irmã Renete Cocco, Diretora de Ensino da Rede Notre Dame, em um dos nossos encontros formativos, permito-me trazer algumas reflexões sobre o processo de implementação do ensino híbrido com nossos educadores.



Precisamos, juntos, nos adaptar aos novos processos e metodologias

Como assessora pedagógica, cabe-me auxiliar nesse processo. Todavia, percebo que nossos educadores foram muito resilientes às novas propostas no que tange a essa nova forma de ensinar. Souberam em pouco tempo transpor o espaço físico da sala de aula para o virtual, com a utilização de vários aplicativos, bem como resignificar sua metodologia.

A esperança de um 2021 presencial transformou-se na insegurança do ensino híbrido, e mais uma vez o “voo” precisou ser mais alto. Entretanto, quando aterrissaram (os educadores), pude perceber que estavam preparados para atender aos estudantes, tanto no presencial, quanto no remoto. Munidos de seus planejamentos estruturados, seus computadores e celulares, iniciaram um processo diferente, que não perdurou, mas que, mesmo efêmero, nos mostrou o quanto nossos docentes souberam “voar” e possuem a plena certeza de onde pousar, pois sabem que não estão sozinhos, que existe uma rede de apoio na hora do pouso.

Assim como as andorinhas, precisamos voar em bando. Da mesma forma, precisamos, juntos, nos adaptar aos novos processos e metodologias. A mão estendida fez o grupo crescer dentro do novo universo chamado metodologias ativas, e quem sabe mais ajuda a quem quer aprender. Assim vamos construindo aprendizagens.

Entre as inúmeras formações sobre metodologias ativas que tivemos, desde o início de 2020, tímidas manifestações começaram a aparecer nos planejamentos, com aquela mensagem que só os professores que sabem onde pousar se atrevem a escrever: Eu vou tentar. E, para mim, que antes de ser assessora pedagógica também sou professora, não há manifestação mais corajosa que essa: tentar.

E, assim como os pássaros, voamos e aterrissamos sempre juntos. Novos desafios fazem parte da caminhada docente, mas nesse aspecto verifico que, apesar das dificuldades inerentes ao processo de um novo fazer pedagógico quanto às adaptações ao novo ensino, o resultado tem sido positivo.

O entusiasmo para novos “voos”, ao mesmo tempo, o compromisso no processo educacional proporciona um trabalho estimulante e proativo, tanto dos educadores, quanto da equipe pedagógica e diretiva. O compromisso com nossos alunos tem sido sempre a nossa meta como educadores. Compreender, estimular, dialogar e, principalmente, orientar os nossos alunos nos coloca diante da construção do conhecimento.

Nunca estamos prontos, mas, com certeza, cada vez mais preparados para que nosso “voo” não seja passageiro, mas perene e amparado no espírito de solidariedade, profissionalismo e partilha, com elementos norteadores do carisma Notre Dame.



FOTOS: Divulgação

O compromisso com nossos alunos tem sido sempre a nossa meta

Relatos do uso do RPG no Ensino Híbrido

Emerson Ranieri Santos Kuhn, professor

A senha estava correta, a porta do bunker se abre lentamente, um amplo corredor bem iluminado se revela, vocês começam a caminhar por ele, os passos do grupo ecoam, até que vocês passam pela entrada de uma sala e veem um homem de pé, parado com um jaleco, que já foi branco, olhando anotações em várias planilhas... Françoise congela no meio do passo e sussurra uma única palavra que os enche de apreensão e medo: “Mengele.”

O que vocês fazem?

Essa pode ser uma cena hipotética, mas é algo que meus estudantes do 9º ano experienciaram no ensino híbrido. Utilizei uma perspectiva da metodologia da gamificação (RPG), aliada a um conjunto de atividades síncronas e assíncronas, para criar uma ambientação histórica em que eles podiam ser personagens, aprendendo dentro de uma lógica interdisciplinar imersiva e com a missão de salvar um cientista judeu que havia sido sequestrado pelo exército nazista.

Criei um planejamento para a turma focado no debate e na troca de informações, com atividades síncronas pautadas no material Positivo e que exigiam leitura, discussão e correção de exercícios dos capítulos sobre Regimes Totalitários e a 2ª Guerra. Concomitante a isso, criamos uma lista de atividades assíncronas ligadas à busca de informações por determinados autores, plataformas e canais do Youtube, bem como uma lista de filmes, séries, desenhos animados, HQs, livros e jogos digitais que podiam ser assistidos remotamente para contextualizar o assunto e trazer novas perspectivas.

A turma foi dividida em dois grupos, com 6 duplas em cada. Essas duplas criaram personagens que tinham a missão de se infiltrar numa cidade polonesa em 1943 e resgatar um cientista sequestrado. Criei então toda uma narração imersiva, com trilha sonora e imagens sobre os detalhes históricos desse período. Para trazer maior engajamento, utilizei imagens aéreas do centro da nossa cidade, o nosso mapa de jogo. Já como suporte à rolagem de dados e à troca de informações remotas, criamos um servidor próprio na plataforma do Discord.

Conforme a aventura se desenvolvia e eles exploravam a cidade, descobriam novas pistas e informações que traziam complexidade à proposta, como a de que aquele local era um campo de concentração.

Cada um dos grupos conseguiu, de forma diferente, cumprir a missão. Um dos grupos destruiu o campo de concentração, libertando os prisioneiros, mas ficou preso e cometeu um ato heroico para acabar com as pesquisas e o próprio Mengele; enquanto o outro grupo salvou o cientista, roubou dados das pesquisas realizadas ali e ainda conseguiu adiantar o fim de Hitler e dar início ao término da guerra.



Nos processos os estudantes precisaram pensar de maneira interdisciplinar

Em ambos os processos, os estudantes tiveram situações que precisaram pensar de maneira interdisciplinar para resolver os problemas propostos. Essa metodologia proporcionou um entendimento do processo histórico e deu um peso real ao contexto. A narração, a criação do personagem e a atuação deles trouxe uma imersão ao tema, que potencializou o aprendizado da turma.



A narração, a criação do personagem e a atuação trouxe uma imersão ao tema

FOTOS: Divulgação

Os conflitos educacionais na pandemia

Eliton Medeiros Tavares Junior, professor

O sistema de educação passou por uma transformação importante no ano de 2020. O professor, que antes estava acostumado com uma forma mais tradicional de ensino, viu-se obrigado a mudar seus conceitos de educação. Professores se tornaram alunos e alunos se tornaram professores. A tecnologia se tornou o único modo de transmissão do conhecimento e, por isso diversos professores voltaram para as salas de aula, hoje virtuais, para se alfabetizar tecnologicamente.

A tecnologia, tão presente em nossas vidas, nunca antes foi inserida na educação de forma consistente. Alunos letrados tecnologicamente se mostraram incapazes de utilizar tais métodos no cotidiano escolar, pois suas visões tecnológicas são voltadas para alguns campos e limitadas para o uso educacional.

Em março de 2020, quando foi decretado o ensino domiciliar, além dos temores causados por um vírus desconhecido, acometeu-me o temor de como iria educar a distância. A partir daí, há dois objetivos em paralelo: o de educar e o de se educar. Aprender primeiro, para depois ensinar.



Efeitos especiais e planos de fundo foram inseridos para melhor visual do conteúdo

A sala de estar da minha residência se tornou estúdio de gravação. Planos de aula se tornaram roteiros de gravação. Levava em torno de uma hora para gravar uma videoaula que, depois de uma edição de duas horas, ficaria em vinte minutos. O maior temor que eu tinha era de que depois de todo este tempo preparando o ví-

deo, os alunos não compreendessem o que lhes tinha passado, pois não haveria o olho-no-olho, que é tão importante no cotidiano escolar. Além da videoaula, fazia também vídeo chamada para debater sobre o conteúdo e apresentar os exercícios. A correção dessas atividades era feita em uma outra videochamada em frente a um quadro branco, fixado na parede do meu quarto, onde se fazia a correção. Todos os equipamentos providenciados de forma rápida, pois estávamos em pleno ano letivo e não teria muito tempo para planejamento.



FOTOS: Divulgação

A sala de estar da minha residência se tornou estúdio de gravação

Com o passar do ano, algumas ferramentas foram assimiladas e inseridas em minhas aulas. As aulas de vídeo, que antes demoravam três horas para preparar, passaram a levar somente uma. Efeitos especiais e planos de fundo foram inseridos no vídeo de modo que o aluno tivesse um melhor visual do conteúdo, pois o software de edição, que anteriormente era limitado, foi alterado por um software profissional. Jogos, feitos de forma virtual, começaram a fazer parte, e ferramentas como o Kahoot e o Kokitos se tornaram grandes aliados para uma atividade mais divertida.

Neste ano letivo, o quadro branco preso na parede do meu quarto foi substituído por um tablet e um app chamado SketchBook, que simula no aparelho um quadro branco. O software LonelyScreen faz a projeção para a tela do computador onde está sendo feita a aula síncrona, deixando a transmissão mais nítida. O sistema positivo de ensino, adotado pela escola, fornece vídeos explicativos do conteúdo, deixando de ser necessário a sua produção por mim. As aulas passaram a ser mais síncronas do que assíncronas e o método de sala de aula invertida fica cada dia mais evidente em minhas aulas, o que planejo levar para toda minha carreira.

Os desafios de um novo tempo que já começou

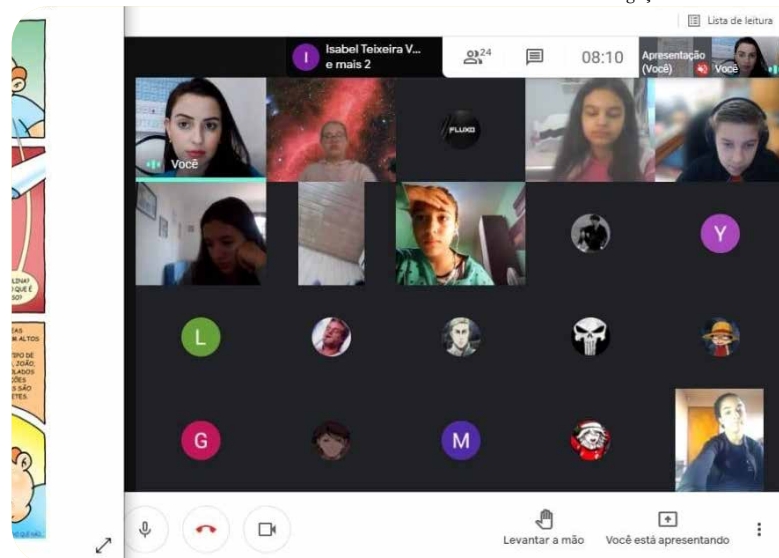
Tássia Limana da Silveira, professora

O aluno como protagonista é o principal alvo que a BNCC tem. Ensinar cada aluno a pensar por si só sobre os múltiplos problemas encontrados em nossa sociedade e a buscar possíveis soluções tem sido o meu maior desafio em sala de aula. Dentre as tantas práticas que venho realizando após o surgimento da BNCC, me deparo com o grande paradoxo das tentativas para aplicar metodologias que tirem o aluno dos bastidores e coloque-o no palco, atuando em uma geração inquieta, em que o confortável e preferível pelos estudantes é receber respostas prontas que reduza o tempo investido na descoberta do novo. Como nós, educadores, devemos conduzir nossa preparação para a execução de uma educação, em que a autonomia e o desenvolvimento de senso crítico deverá ser realizada na ausência da presença física de um mediador?

Das muitas vezes que estive estudando sobre a educação híbrida e as metodologias que criassem o protagonismo nos alunos, concluí que não há um caminho para a educação que não seja dessa maneira. Partindo da simples utilização de alimentos presentes na base da pirâmide alimentar e que estavam presentes nas refeições corriqueiras dos meus alunos, conseguimos significar a importância de boas práticas alimentares para a manutenção da saúde dos nossos órgãos. Nessa prática, os alunos do 6º ano observaram em suas residências quais alimentos eram utilizados nas refeições principais, pesquisando os valores nutricionais deles e criando, junto de seus familiares, receitas práticas, que pudessem ser de fácil acesso e preparação para a população. Buscando essa mesma movimentação nos estudantes, os alunos do 7º ano foram desafiados a unir os conceitos físicos, de todos os tipos de máquinas simples, estudados em aula online em um aparelho inventado por eles, para resolver alguma problemática individual despertada.

Para entender a educação híbrida, não podemos apenas resumi-la ao sucesso na aplicação de algumas metodologias ativas, mas sim no estímulo constante da dúvida que instiga os estudantes a criarem problemáticas e a buscarem soluções no meio tecnológico. Criação e desenvolvimento de elementos

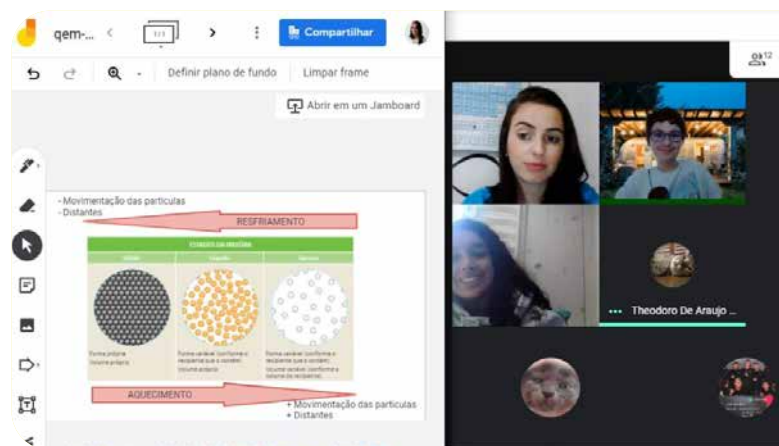
FOTOS: Divulgação



Educação híbrida não é resumo ao sucesso na aplicação de metodologias ativas

digitais, como folders alertando à população sobre os riscos de doenças metabólicas como diabetes e hipertensão, foi de grande aprendizado dos alunos do 7º ano, já que precisaram aplicar seus conhecimentos digitais para promoção da saúde da população, com a utilização de materiais visuais criativos, não somente da escrita formal.

Ainda temos um longo caminho a percorrer em busca de uma educação significativa por meio do ensino híbrido. Acredito, e venho observando isso na prática, que já percorremos os primeiros trechos que



Temos um longo caminho para uma educação significativa pelo ensino híbrido

eram necessários para caminhar. Um deles é a busca pela desestruturação do professor como o detentor do saber, passando essa concepção para o grupo escolar e, principalmente, para os alunos, como geradores da dúvida na busca de soluções através do desenvolvimento da autonomia do pensar.

Educação e pandemia: desafios dos novos tempos

Marivane Pereira Klippel, professora

O dia amanhece, o link da aula de Língua Portuguesa e/ou Literatura já está disponível na plataforma. Postei-o na noite anterior. Ingresso minutos antes do horário marcado, aguardando meus alunos que, ainda angustiados pela pandemia, acessam à aula por meio do link. Passa pela minha cabeça que todas aquelas janelinhas da aula virtual, às vezes com câmeras fechadas, não representam somente um aluno, representam toda uma família que alterou sua rotina para que o filho possa acompanhar o desafio das aulas remotas.

Assim, como professora de Língua Portuguesa e Literatura, tenho certeza de que a linguagem é a porta de compreensão para o mundo, um mundo que, neste momento, nos desafia a olhar para o ser humano, a olhar para nossos alunos e professores, para toda a comunidade escolar e a reformular a maneira como nos comunicamos e nos organizamos, no caso da escola, as nossas aulas – evento que é o coração do nosso fazer pedagógico.

Por meio da linguagem, podemos nos aproximar dos nossos discentes num momento de tantas turbulências e, assim, amenizar muitas das angústias trazidas por eles.

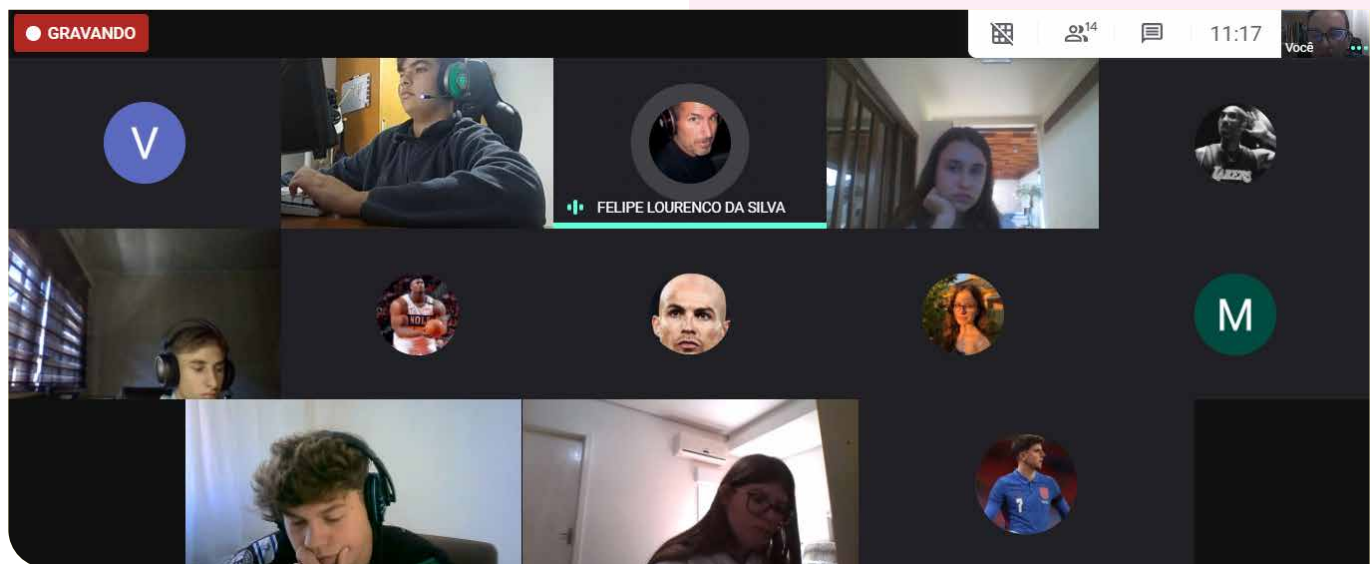
De toda a organização do meu planejamento, o primeiro aspecto de que me dei conta desde o início da

pandemia é o necessário acolhimento dos alunos; sim, o conteúdo é muito importante também, mas ouvir os estudantes, estar de olhos e ouvidos atentos às suas necessidades e angústias, típicas de sua faixa etária, perguntar como eles estão, deixar que falem, pelo menos nos primeiros dez minutos da aula, é essencial também para a busca de uma formação humana integral de nossas crianças e adolescentes.

Por meio desse diálogo, o nosso vínculo se fortalece, baseado na confiança e na comunicação, para que possamos superar os desafios impostos pela distância e pela aula remota.

Vejo também que se torna necessária uma nova relação com as metodologias e conteúdos. Como professora e me sentindo um pouco insegura em relação às questões técnicas da informática, como, por exemplo, gravação de vídeos, preparação de materiais viáveis para o meio eletrônico, entendo que as aulas precisam ser atrativas, mas sem descuidar do imprescindível aprendizado. Dou-me conta de que é preciso pensar numa perspectiva de significado para esses objetos do conhecimento. Ora, as aulas de Literatura devem ser recheadas de discussões sobre os textos, da relação desses textos com a vida cotidiana. A Língua Portuguesa não pode estar desassociada de relevância, do poder que a palavra, escrita ou falada, confere.

Como professora, percebo que esses desafios, na verdade, são convites para aprimorarmos a todo momento as nossas ações e metodologias dentro da sala de aula, a fim de proporcionarmos aos nossos alunos uma educação sólida, humana e com valores cristãos.



Por meio da linguagem, podemos nos aproximar dos nossos discentes num momento de tantas turbulências

FOTO: Divulgação

Irmã Therezinha: 63 anos de vida consagrada dedicados à educação e à vocação

Tamires Hoff

FOTOS: Arquivo pessoal



63 anos de vida religiosa

Ser criativo e atento são algumas das habilidades necessárias aos diretores de escola, especialmente em tempos de pandemia. A análise é da Irmã Therezinha Quartin, de 84 anos, que viveu grande parte dos seus 63 anos de vida religiosa dentro de escolas

Notre Dame. “O que eu destaco é que o educando precisa ser atendido em suas particularidades, utilizando os meios disponíveis. Nem todos os alunos usufruem de iguais recursos tecnológicos para aquisição dos conhecimentos acadêmicos sem o devido atendimento presencial do professor”, avalia.

Com a formação religiosa iniciada aos 14 anos, em Passo Fundo, Irmã Therezinha ingressou no noviciado aos 17 anos. Na primeira entrevista com a Irmã, superiora provincial daquela época, ela conta ter manifestado o interesse de ser professora. Kursou Pedagogia e pós-graduação em Administração Escolar. Foi diretora da Escola Maria Rainha por seis anos. Trabalhou na vice direção em diversas escolas da Rede ND, atuou como coordenadora do Ensino Religioso e ainda foi professora no curso de Magistério nos Colégios Maria Auxiliadora e Santa Teresinha e na Escola Madre Júlia. “Estas aulas não impediam que eu exercesse funções administrativas. A Nível de Província, tive também oportunidade de ajudar como Conselheira Provincial, uma atividade que exerci por vários anos e pude também participar de um Capítulo Geral em Roma, uma experiência incalculável.”

Natural da cidade Ivorá, Irmã Therezinha conta que teve uma boa infância. Vinda de uma família numerosa, de agricultores de origem italiana, ela é a sexta de 12 irmãos. “Eu ajudei no cuidado dos irmãos que nasceram depois de mim e desfrutei das alegrias dessa convivência tão linda e saudável.” Como um dos irmãos mais novos, de um ano, era muito apegado a

ela, dificilmente saía de casa. Mesmo assim, a Irmã Notre Dame revela que o chamado de Deus para a vida religiosa consagrada foi mais forte. “Sempre me encantou o exemplo de vida profissional de Irmãs que se dedicaram, de corpo e alma, para exercer com profissionalismo a missão de educar e também que viveram na radicalidade a sua escolha vocacional”, analisa a Irmã que hoje está aposentada, mas ainda atua em atividades relacionadas à mantenedora, no Colégio Santa Teresinha.

Parte do seu tempo também é dedicado a pequenas tarefas domésticas – que não abre mão de fazer –, além de bordar e cultivar flores. A religiosa comenta que uma das coisas de que mais gosta é ouvir o som dos alunos na escola, o que foi silenciado durante o período de ensino exclusivamente remoto, em razão da pandemia.

Desde o seu ingresso na vida religiosa, a Irmã de Notre Dame observa que muito mudou no mundo. “Os interesses são outros, as possibilidades são outras, mas as pessoas continuam sendo humanas e gostam de ser atendidas em sua individualidade espe-



Irmã atua em atividades relacionadas à mantenedora

cífica. Peço que Deus continue abençoando a missão Notre Dame de ‘mostrar ao mundo que Deus é bom’ e chamando colaboradores para essa linda missão. Acho que fiz algo de bom neste mundo de Deus, por isso me sinto realizada. Deve existir ainda alguma coisa para eu continuar realizando.”

Juliana da Rosa: 14 anos de uma trajetória de aprendizado e desenvolvimento

Tamires Hoff

FOTOS: Arquivo pessoal



Juliana ingressou na instituição aos 19 anos

A maior parte da trajetória profissional da analista administrativo Juliana da Rosa, de 33 anos, foi desenvolvida dentro da Rede Notre Dame de Educação. Aos 19 anos, ela entrava na Escola Estrela do Mar. Começou como assistente de recepção. Após cursar a graduação de Pedagogia, passou a trabalhar como assistente de ensino. Resolveu ingressar em uma nova faculdade, de Administração de Empresas, e, a partir de então, iniciou as atividades na secretaria da escola. Atualmente, trabalha na tesouraria.

Antes do Estrela do Mar, Juliana foi estagiária em uma agência da Caixa Econômica Federal, em São Lourenço do Sul, desempenhando atividades administrativas e de atendimento ao público. Mas foi na escola em que mais se identificou e conta o que mais valoriza em ser uma educadora Notre Dame: “Representar a marca ND, instituição com a qual me identifico em seus valores e propósito.”

Casada com Daniel Silva de Souza, a analista administrativo é mãe do Gabriel da Rosa Souza, de 7 anos. Na escola, ela conta ter vivido muitos momentos marcantes, mas foi a formatura do filho, na Educação

Infantil, um dos mais especiais. “Ele foi o personagem principal de uma apresentação teatral de Peter Pan. Por se tratar de um passo tão importante na vida dele e acontecer na instituição por que tenho tanto carinho, me marcou”, relembra.

Nesses 14 anos de caminhada profissional na Escola Estrela do Mar, Juliana considera a busca por novos conhecimentos e aprendizagens um dos estímulos mais importantes recebidos da instituição. O primeiro dia de trabalho ela conta guardar na memória, assim como as oportunidades de crescimento que surgiram ao longo deste período.

O ingresso na escola refletiu no crescimento profissional, mas também teve impacto na vida pessoal, conforme a administradora. “Além de ter recebido oportunidades e vislumbrar crescimento, é uma instituição que condiz com meus valores cristãos. Sou grata a Deus, à Santa Júlia e às irmãs de Notre Dame. Gostaria de agradecer tantas pessoas que contribuíram para minha formação e desenvolvimento profissional durante esses anos, mas cada uma sabe da importância que teve”, resume. Ela salienta o sentimento de gratidão por essa história e destaca uma das frases de Santa Júlia: “Meu Deus, como poderíamos nós agradecer-vos devidamente por tantos benefícios!” (Santa Júlia Billiard, carta 402,1815).



Ela é analista administrativo na Escola Estrela do Mar

Pilares da Educação ND

Irmã Aurora Dolores Kassick

Júlia Billiard (1751-1816), pelos padrões culturais do Século XXI, não foi uma mulher “letrada”. Contudo, possuía em alto grau o dom de educadora. Também tinha um profundo conhecimento da realidade e das carências de seu povo e de sua época.

Os ideais franceses de Igualdade, Fraternidade e Liberdade que nos levam à Revolução Francesa já aparecem de diferentes modos bem antes disso. Vale a pena citar François Fénelon (1651-1715), que preconizou em suas obras a educação feminina. Júlia Billiard sintonizou com essa preferência, por isso priorizou em sua ação o cuidado pela formação das meninas pobres, totalmente inexistente em sua época.

O ler, o escrever e o contar andaram junto com as habilidades femininas de sua época, acenando para a possibilidade do sustento ou do complemento do orçamento familiar.

Num segundo momento, na formação da base da Educação Notre Dame, surge, na atual Alemanha, o sonho de Hildegonde Wolbring (1828-1889). Ela também cresceu numa época conturbada pelas guerras de unificação da Alemanha (1871), pelos conflitos religiosos entre a Igreja Católica e as Igrejas Evangélicas, como também pelo processo de industrialização. Tudo isso motivou uma grande necessi-

dade de atendimento às crianças pobres e, de forma especial, às meninas.

Assim, Hilligonde Wolbring (Irmã Maria Aloysia), formada na Escola de Münster (Normalschule), bebeu os ideais educacionais de Bernard Overberg (1754-1826), legando-os à Congregação de Coesfeld.

Tanto Júlia Billiard quanto Hilligonde Wolbring basearam sua obra educacional no Evangelho de Jesus Cristo e nas necessidades do povo a que se dedicaram.

Ao estudarmos os ideais de Overberg e relermos os princípios educacionais Notre Dame, percebemos claramente a ligação entre os dois.

Somente para reforçar, transcrevemos os princípios da Rede Notre Dame de Educação:

- **Bondade e amor providente de Deus** - coração da educação;
- **Dignidade da pessoa humana** - imagem de Deus;
- **Educador Notre Dame** - Testemunha do Mestre;
- **Educação integral e de excelência** - para a transformação.



Oportunidade de aprendizado através do estágio

Vicenti Braun Klein, aluno da 3ª série do Ensino Médio, do Colégio Santa Teresinha

O estágio pode ser uma importante oportunidade de aprendizado e desenvolvimento. O aluno da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santa Teresinha, Vicenti Klein, de 17 anos, conta, em primeira pessoa, como essa experiência está refletindo no crescimento dele.

No mês de abril de 2021, completei dois anos de contrato pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), no Programa Aprendiz Legal, atuando na área Administrativa. Ao longo desse período, aprendi muitos valores pessoais e, sobretudo, profissionais: aprendizagem é uma grande oportunidade de inserir-se no mercado de trabalho. Hoje, continuo na empresa, já como funcionário efetivo, sendo Auxiliar de Recursos Humanos, área que me faz muito grato em fazer parte. Desde abril de 2019 (início do contrato de aprendizagem), estive cursando o Ensino Médio no Colégio Santa Teresinha, escola que faz parte do meu convívio desde o 3º ano do Ensino Fundamental, em 2012. Sempre terei boas lembranças dessa organização, que valoriza o aluno e promove uma educação integral.

À convite da professora Leila Leatrice Saldanha Pacheco, da disciplina de Educação Financeira, fiz uma apresentação a respeito da importância da organização do orçamento, abordando o dia a dia de um funcionário sob a visão do Departamento de Pessoal. A dinâmica foi interessante. Pude falar sobre minha experiência e conscientizar os alunos de nono ano, adicionando questões como a Declaração de Imposto de Renda, a postura como trabalhador perante organizações, os registros de ponto e a folha de pagamento. A apresentação foi feita para duas turmas, a primeira no dia 29/03/2021, e a segunda dia 31/03/2021 – ambos nonos anos do Ensino Fundamental II.

Considerando a situação que estamos vivendo, do ensino remoto, a experiência de explanação on-line, sob videoconferência, foi satisfatória. Para mim, que sou aluno, foi um ótimo exercício de percepção da posição do professor na oratória. Explicar determinado assunto ao longo de um período torna-se muito menos cansativo quando há participação dos alunos,

FOTO: Arquivo pessoal



O estágio como oportunidade de aprendizado e desenvolvimento

seja simplesmente abrindo a câmera, tirando dúvidas ou dando contribuições / opiniões sobre o conteúdo. Além de beneficiar a dinâmica, esse fato 'aproxima' tal distanciamento da saudosa sala de aula, a qual valorizamos hoje, somente quando se fez distante.

Em suma, a oportunidade de poder compartilhar um pouco da rotina de conciliar trabalho com estudos foi imensamente gratificante! Sou grato à empresa na qual atuo (Indústria de Confecção de Moda Íntima), por todas as amizades e experiências adquiridas; e ao Santa Teresinha, que sempre deu suporte e oportunidade de expansão do conhecimento aos seus alunos.

Construímos **PROPÓSITO** ... pensando no futuro

**MATRÍCULAS
ABERTAS**

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Turno Inverso



NOTRE DAME



www.nd.org.br



(51) 3462-8600



[/redenotredame](https://www.facebook.com/redenotredame)



[@redenotredame](https://www.instagram.com/redenotredame)